



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

**THAÍS DE OLIVEIRA COSTA**

**“EU DISCORDEI DE UM CARA”:  
UM ESTUDO SOBRE GÊNERO E  
PENTECOSTALISMO NA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BOA ESPERANÇA -  
SANTARÉM/PA**

**SANTARÉM - PA  
2019**

**THAÍS DE OLIVEIRA COSTA**

**“EU DISCORDEI DE UM CARA”: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO E  
PENTECOSTALISMO NA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BOA ESPERANÇA -  
SANTARÉM/PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal do Oeste do Pará, como parte das exigências do Programa de Antropologia e Arqueologia, como requisito para a obtenção do bacharelado em Antropologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Carla Ramos Munzanzu

**SANTARÉM - PA  
2019**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA**

---

- C837e Costa, Thaís de Oliveira  
"Eu discordei de um cara": um estudo sobre gênero e pentecostalismo na Assembleia de Deus em Boa Esperança – Santarém/PA. / Thaís de Oliveira Costa. – Santarém, 2019.  
50 p.: il.  
Inclui bibliografias.
- Orientador: Carla Ramos Munzanzu  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Curso Bacharelado em Antropologia.
1. Gênero. 2. Assembleia de Deus. 3. Pentecostalismo 4. Frida Strandberg. 5. Círculo de oração. I. Munzanzu, Carla Ramos, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 200.8098115

---

Bibliotecária - Documentalista: Mary Caroline Santos Ribeiro – CRB/2 566



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

**THAÍS DE OLIVEIRA COSTA**

**““Eu discordei de um cara””: um estudo sobre gênero e pentecostalismo na Assembleia de Deus em Boa Esperança – Santarém/PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC-3, e obtenção de grau de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará.

Nota: 10

Data de Aprovação 19 / 12 / 2019

PRÉSIDENTE: Prof<sup>a</sup>. Dra. Carla Ramos Munzanzu  
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof<sup>a</sup>. Dra. Lucybêth Camargo de Arruda  
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof<sup>a</sup>. Dra. Myrian Sá Leitão Barbosa  
Universidade Federal do Oeste do Pará

À Maria Aldeci e todas as mulheres do Círculo  
de Oração Rosa de Saron.

## AGRADECIMENTOS

Ao filho do carpinteiro que amou a todos sem distinção e me ensinou o verdadeiro significado do evangelho. Yeshua obrigada por guiar meus passos até aqui!

À Maria Aldeci, vulgo dona Preta, por ter me gerado e me ensinado a não desistir dos meus sonhos, mamãe obrigada por ter fé quando eu não tive, pelos inúmeros conselhos, por ter sido minha primeira professora e por ter me ensinado que eu poderia cursar uma faculdade e ir muito além. Você é nosso orgulho!

Aos meus irmãos, Gabriel, Arnaldo e Isabelle por todo amor, companheirismo, piadas de mau gosto e pelo esforço para que eu conseguisse chegar até aqui. Isabelle obrigada por ser minha melhor amiga e corretora oficial de todos os meus trabalhos acadêmicos. Nós voaremos alto irmã e eu amo muito vocês!

À lenda profa. Dra. Carla Ramos Munzanzu por ter aceitado orientar um TCC incompleto e ter me ajudado a concluí-lo. O feitiço deu certo e cá estou eu com um trabalho pronto. Obrigada por acreditar em mim e ser uma referência!

Às irmãs do Círculo de Oração Rosa de Saron; Sem vocês não teria pesquisa, TCC ou mestrado. Obrigada pela paciência, pelos diálogos e por todas as orações. Ir. Maria da Luz e Ir. Lúcia, obrigada pelas entrevistas e pelo exemplo de vida. Que Deus abençoe vocês!

À Ana Renata por ser minha outra família, pela amizade, companheirismo, pelas orações e por acreditar em mim quando eu não via a luz ao final do túnel. E obrigada por ter me dado Pedro Hamashia! Amo vocês, incluso Gus e Bubu.

À Andreza Viana, a irmã que a Ufopa me deu. Obrigada por me incentivar a não desistir. Nós vencemos todos os processos de estresse e lágrimas e agora o mestrado nos aguarda!

À Sarah Maia, Karina Pimenta, Raquel Sales, Kelly Cruz, Ana Elisa, Emylle Maia, Eloísa Brito e Warlison Cavichioli pelo companheirismo e amizade. Vocês foram essenciais na construção dessa caminhada!

À Larissa Xavier e Igor Oliveira pelo companheirismo na “sala do castigo”. As últimas semanas de escrita foram menos estressantes graças a vocês.

À Leilane Ribeiro e Paulo Aguiar pelas correções, vocês são brilhantes!

Ao Coletivo Negro Alessandra Caripuna pelo afeto, conversas e por termos usado nossa raiva para nos apoiarmos. Axé pretinhos e continuaremos tocando fogo nos racistas!

Aos meus professores que tornaram a caminhada até aqui mais leve. Profa. Dra. Lucybeth Arruda e profa. Dra. Luciana Carvalho obrigada por todo o aprendizado nesses 4 anos de Ufopa.

Em especial à profa. Msc. Raiana Ferrugem que foi minha primeira orientadora e se tornou uma amiga querida. Graças a você tive a coragem de pesquisar mulheres evangélicas. Obrigada por tudo! Vai ter mais uma preta antropóloga para contracolonizar a academia.

A vida torna-se mais leve quando compartilhada com quem a gente ama. Muito obrigada a todos que de alguma forma contribuíram com a minha formação. Seguiremos!

“Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.”

Sojourner Truth

## RESUMO

Este trabalho visa questionar os espaços de liderança ocupados pelas mulheres na Assembleia de Deus. Tal igreja foi fundada em 1911, na capital do Pará, pelos missionários suecos Daniel Berg, Gunnar Vingren e Frida Strandberg, responsáveis pela introdução da doutrina pentecostal no Brasil. Atualmente presente em todos os estados brasileiros, trata-se de uma instituição dentro da qual o androcentrismo impera e o gênero dos fiéis designa suas funções. Crendo que a mulher foi criada com o intuito de auxiliar o homem, a igreja lhe atribui papéis de colaboradora, nunca de protagonista, e todos os cargos ministeriais são destinados aos homens. Diante disso, a pesquisa interroga: i) como as relações de gênero, enquanto instância de poder, atuam na igreja; ii) como a mulher pentecostal observa o lugar que ocupa e; iii) de que forma ela lida com o androcentrismo na igreja. Buscando desenvolver uma escrevivência, como propõe Conceição Evaristo, delimitou-se como campo de pesquisa etnográfica a comunidade cristã da qual sou membra, cuja sede fica em Boa Esperança, na zona rural do município de Santarém, no Pará. Mais especificamente, o trabalho desenvolve-se por meio do diálogo com integrantes do círculo de oração, composto pelas mulheres casadas da igreja, e os “achados etnográficos” são analisados à luz do referencial teórico dos estudos de gênero e pentecostalismo. Constatou-se que as mulheres do círculo de oração, tidas como exemplos de submissão, exercem papéis de liderança que normalmente são destinados a homens, subvertendo, em parte, a lógica androcêntrica.

**Palavras-chave:** Gênero. Assembleia de Deus. Pentecostalismo. Frida Strandberg. Círculo de Oração.

## ABSTRACT

This paper aims to question the leadership spaces occupied by women in the Assembly of God. This church was founded in 1911 in the capital of Pará by the Swedish missionaries Daniel Berg, Gunnar Vingren and Frida Strandberg, responsible for the introduction of Pentecostal doctrine in Brazil. Currently present in all Brazilian states, it is an institution within which androcentrism reigns and the gender of the faithful designates its functions. Believing that the woman was created to help the man, the church gives her roles as collaborator, not protagonist, and all ministerial positions are assigned to men. Given this, the research questions: i) how gender relations, as an instance of power, act in the church; ii) how the Pentecostal woman observes the place she occupies and; iii) how it deals with androcentrism in the church. Seeking to develop a scribe, as proposed by Conceição Evaristo, the Christian community of which i am a member, whose headquarters is in Boa Esperança, in the rural area of the municipality of Santarém, Pará, was delimited as an ethnographic field of research. It develops through dialogue with members of the prayer circle of married women in the church, and the “ethnographic findings” are analyzed in the light of the theoretical framework of gender studies and Pentecostalism.

**Keywords:** Gender. Assembly of God. Pentecostalism. Frida Strandberg. Prayer Circle

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

AD - Assembleia de Deus

COMIEADEPA - Convenção Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará

CGADB - Convenção Geral das Assembleia de Deus no Brasil

CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus

CO - Círculo de Oração

UNEMAD - União Nacional de Esposas de Ministros das Assembleias de Deus

## SUMÁRIO

TESTEMUNHO .....	12
INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO 1 - O PRINCÍPIO DA DOCTRINA PENTECOSTAL E PROTAGONISMO DAS MULHERES .....	16
1.1 O avivamento da Rua Azusa e o princípio do pentecostalismo .....	16
1.2 O movimento pentecostal no Brasil . . . . .	18
1.3 O protagonismo de Celina Albuquerque na fundação da Assembleia de Deus . . .	20
1.4 “O Espírito Santo não faz distinção de gênero”: a história de Frida Maria Strandberg .....	21
CAPÍTULO 2 - O CÍRCULO DE ORAÇÃO E AS DISSIDÊNCIAS COM O ANDROCENTRISMO .....	27
2.1 A história do Círculo de Oração .....	27
2.2 O Círculo de Oração Rosa de Saron .....	28
2.3 A liderança do Círculo de Oração .....	30
2.4 A Festa .....	33
2.5 Ir. Maria da Luz, pregadora e presidente do CO .....	36
2.6 O Espírito Santo capacita quem Ele quer .....	37
CAPÍTULO 3 - OS NOSSOS CORPOS DISSIDENTES SUBVERTENDO O SILÊNCIO “SANTO” .....	39
3.1 Frida Maria Strandberg e os conflitos com os coronelistas misóginos .....	39
3.2 O ministério feminino pós década de 30 .....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

## TESTEMUNHO

Eu costumo dizer que nasci na Assembleia, pois meus pais se converteram na adolescência e quando nasci meu pai já era auxiliar da igreja e minha mãe regente do círculo de oração. Na infância, eu e minha irmã cantávamos nos cultos, mas quando chegou a pré-adolescência todos perceberam que meu dom não era o da música. Eu era fascinada pelo púlpito e me imaginava no futuro sendo pregadora ou pastoreando a igreja.

Aos 9 anos, eu, minha mãe e minha irmã nos mudamos para a comunidade de Boa Esperança e minha aspiração pelo ministério só aumentava. Aos 13 anos me batizei nas águas, aos 15 entrei no coral de jovens, aos 17 fui convidada a ser tesoureira da igreja e trabalhar na secretaria de missões. Todavia, o espaço do púlpito não se tornava realidade, nesse momento percebi que todos os cargos do púlpito eram destinados aos homens, pois a igreja acreditava que os ministérios eram funções masculinas visto que Jesus só chamou homens para serem discípulos. Sendo assim eu não poderia ser pastora e não via referências de mulheres ocupando cargos no púlpito.

Esses questionamentos ficaram silenciados durante anos até que em julho de 2018, no processo de construção do projeto de TCC eu tive acesso a uma reportagem sobre a Frida Strandberg, uma das instauradoras da doutrina pentecostal no Brasil e fundadora da igreja Assembleia de Deus. A notícia retratava a fundadora da AD que fora internada em um hospício por querer exercer seu chamado divino no púlpito. A inquietação com a história desta mulher, que nunca tinha ouvido falar foi tamanha que resolvi questionar os motivos que levaram a igreja a silenciar seu protagonismo e coibir outras Fridas a exercerem trabalhos de liderança.

## INTRODUÇÃO

Segundo o Censo do IBGE (2010), 22% da população brasileira declara-se evangélica, sendo que a região norte alcança o índice de 28,5 %. Em Santarém/PA, os dados apontam 25,4 % da população como professante dessa fé. Esses dados refletem o processo de evangelização das igrejas pentecostais na região norte, que tem seu início nas primeiras décadas do século XX com a vinda de missionários estrangeiros para a Amazônia, e se propagam até hoje. Dito isso, dialogaremos sobre a igreja evangélica Assembleia de Deus, da qual sou membra.

A igreja Assembleia de Deus (AD) foi fundada em 1911, na capital do Pará, pelos missionários suecos Daniel Berg, Gunnar Vingren e Frida Maria Strandberg, responsáveis pela introdução da doutrina pentecostal no Brasil. Atualmente encontra-se em todos os estados brasileiros. É uma instituição na qual impera um androcentrismo violento, prova disso é que as funções dos fiéis são designadas pelos seus gêneros. Esse fator é latente nas comunidades interioranas do estado, reservando às mulheres apenas papéis colaborativos.

No interior do Pará as limitações imputadas pelo machismo reverberam nos espaços sociais e, como a igreja evangélica abrange a maioria da população, esse fator torna o espaço congregacional extremamente misógino. As instituições crê que a mulher foi criada com o intuito de auxiliar o homem, desta forma, os cargos ministeriais destinados a elas centram-se em trabalhos de auxiliaadoras, professoras, cantoras, nunca chegando a cargos de liderança, tais como o pastoreio. Sendo assim, esta pesquisa tem como foco as relações de gênero, enquanto instância de poder na igreja Assembleia de Deus, localizada na comunidade de Boa Esperança, na zona rural do município de Santarém, no Pará. Mais especificamente, o trabalho desenvolve-se por meio do diálogo com integrantes do Círculo de Oração Rosa de Saron, composto pelas mulheres casadas da igreja, e visa compreender como estas exercem poderio simbólico na igreja e de que forma lidam com o androcentrismo<sup>1</sup>.

A comunidade de Boa Esperança localiza-se a 43 km do município de Santarém, Oeste do Pará. A igreja Assembleia de Deus foi consolidada como instituição em 1981, mas a evangelização pentecostal chegou à comunidade em 1976 e os cultos eram realizados nas casas dos novos convertidos sob a direção de Manoel Felipe. A instituição é filiada a Convenção Estadual das igrejas evangélicas Assembleias de Deus no estado do Pará (COMIEADEPA) e no

---

<sup>1</sup> Segundo o dicionário Michaelis (2015), o termo refere-se ao fato de colocar o masculino como único paradigma de representação coletivo, estando acima de todos outros pensamentos. Nessa pesquisa uso este termo para retratar a misoginia violenta no âmbito pentecostal.

período de realização desta pesquisa o pastor presidente da igreja era o Pr. Edilson Serra Barbosa. A igreja localiza-se na parte central da comunidade e agrega mais três congregações do planalto, a congregação da comunidade de Volta Grande; A de Paxiúba e a da comunidade Lagoa. Em um levantamento feito em abril deste ano, a igreja tinha um total de 256 membros, sendo que 180 são mulheres.

Dito isso, ressalto que o aporte metodológico será pautado no conceito de escrevivência, como cunhou a filósofa Conceição Evaristo (2017). A escrevivência diz respeito a escrever sobre sua vivência, nesse caso, enquanto membra da AD Boa Esperança, utilizo deste recurso para dialogar com as mulheres do Círculo de Oração Rosa de Saron. Ao pontuar sobre as questões de gênero e poder que atravessam a vida destas mulheres, trago reflexões de cunho bíblico, fruto de minhas leituras, enquanto mulher cristã e membra da AD.

A proposta de escrever a respeito da igreja traz uma nova abordagem epistêmica à antropologia. Esta pesquisa não trata-se de uma etnografia aos moldes clássicos, tampouco delimito o “trabalho de campo”, visto que ao tratar de uma escrevivência, remeto a fatos vivenciados bem antes de meu ingresso à academia. O trabalho de campo nos moldes malinowskianos não dá conta dos emaranhados sociais presentes na atualidade, não ignoro a contribuição dos grandes nomes da antropologia, mas a proposta deste trabalho tem um campo iniciado quando eu era pré-adolescente, visto que meu diálogo para esta monografia, não inicia quando passo a etnografar as reuniões do Círculo de Oração, mas nos aportes teóricos e questões das minhas vivências enquanto membra da igreja.

A proposta desta monografia é apresentar uma antropologia contracolonizadora<sup>2</sup>, como propõe Bispo (2015), firmando a escrita em primeira pessoa, visto que me coloco como uma “forasteira de dentro”<sup>3</sup>, como define Patrícia Hill Collins, trazendo o meu olhar sobre as vivências no espaço religioso agregado à narrativa das mulheres com as quais dialogo. Este lugar de forasteira me permitiu construir um aporte teórico que atrela as pesquisas de gênero e pentecostalismo aos textos bíblicos usados como referências para a consagração de lideranças.

Dito isso, esta pesquisa originou-se de uma inquietação pessoal e tem como foco questionar as relações de gênero e poder socialmente construídas na AD Boa Esperança. Em suma, o diálogo tem no primeiro capítulo um aporte histórico sobre o surgimento da doutrina pentecostal no pós-guerra civil americana, e a participação de mulheres, para escurecer melhor,

---

<sup>2</sup> A terminologia refere-se aos processos de resistência e luta frente às práticas colonizadoras. (BISPO, 2015, p.47-48)

<sup>3</sup> Traduzido do inglês *outsider within*, refere-se a posição de fronteira ocupada por grupos de poder desigual. No âmbito acadêmico, esta posição permite às pesquisadoras negras constatar elementos da sociedade a partir de fatos de suas experiências.(COLLINS, 1986)

mulheres negras. Os últimos subtópicos do capítulo remetem a chegada desta doutrina no Pará e os inícios dos conflitos de gênero que afetam os 108 anos da igreja e sucumbiram de forma violenta uma de suas primeiras lideranças: Frida Maria Strandberg.

No segundo capítulo trago relatos vivenciados no período de setembro de 2018 a junho de 2019, quando participei ativamente das reuniões do Círculo de Oração Rosa de Saron. Utilizo do recurso etnográfico para descrever as reuniões, os cultos e a festa das irmãs. Uso também como recurso analítico a concepção de poder simbólico de Pierre Bourdieu para retratar a atuação destas mulheres que desempenham funções na igreja, mas não podem ocupar cargos na alta hierarquia, e por último contraponho os ditames doutrinários da igreja com os textos da Bíblia.

O último capítulo é reservado para um debate teórico sobre as relações de gênero no âmbito pentecostal. Trago as resoluções das convenções pastorais que negaram o consagração ministerial de mulheres, bem como os reflexos da misoginia violenta que repercutiu desde a instauração da igreja até os dias de hoje. Enfatizo também, de maneira sucinta, as novas emergências do pentecostalismo que outorgam cargos ministeriais às mulheres.

## CAPÍTULO 1 - O PRINCÍPIO DA DOCTRINA PENTECOSTAL E PROTAGONISMO DAS MULHERES

Neste capítulo, trarei uma discussão sobre a construção da doutrina pentecostal, destacando o protagonismo das mulheres que a construíram e suas influências no enredo desta história. Falarei brevemente desde a Reforma Protestante promovida pelo monge Martinho Lutero ao pentecostalismo instaurado no Brasil. Ressalto que abordarei esses temas trazendo os nomes e as funções das mulheres que estiveram nesses processos, como Lucy Farrow, missionária do pentecostalismo pioneiro dos Estados Unidos, Celina Martins Albuquerque, a primeira pessoa a ser batizada com o Espírito Santo no Brasil e Frida Maria Strandberg Vingren – como ficou conhecida após o casamento com Gunnar Vingren – uma das fundadoras da igreja evangélica Assembleia de Deus.

### 1.1 O avivamento da Rua Azusa e o princípio do pentecostalismo

Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judeia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e Forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), e cretenses, e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto. (Atos dos apóstolos, 2: 1-13, BÍBLIA SAGRADA, 2011 )

Essa passagem descrita no capítulo 2 do livro de Atos trata-se da primeira manifestação do Espírito Santo, a terceira pessoa da trindade, aos seguidores de Jesus que aconteceu quando estes estavam celebrando o dia de pentecostes<sup>4</sup>. Esse acontecimento culminaria no que hoje se entende como pentecostalismo. O pentecostalismo é uma corrente doutrinária advinda do movimento promovido por Martinho Lutero no século XVI,

<sup>4</sup> O dia de Pentecostes também conhecido como Festa da Segra é uma das festas judaicas ordenadas por Deus ao povo Hebreu. Ela acontece 50 dias após a festa da Páscoa e seu propósito é consagrar a Deus os primeiros frutos da colheita de trigo.

popularmente conhecido como Reforma Protestante. O então monge da Igreja Católica Apostólica Romana, descontente com a doutrina da igreja, redigiu 95 teses argumentando que a salvação dependia da misericórdia divina e, não exclusivamente de obras, como pregava a igreja. Esse ato repercutiu em uma série de reformas na igreja, dentre estas a protestante. Cordova (2012) divide o protestantismo em três correntes, o histórico, o tradicional e o pentecostal. Neste trabalho, dissertaremos sobre a corrente pentecostal que tem como marca o batismo com o Espírito Santo <sup>5</sup>e a glossolalia<sup>6</sup>.

Cordova (2012, p.14) destaca Charles Fox Pahrman e William Joseph Seymour como propagadores do pentecostalismo, mas ressalta, sem detalhes, que existiram movimentos antes deles, contudo, a nova doutrina ganhou visibilidade com os norte-americanos. Pahrman nasceu em 1873, nos Estados Unidos, onde criou o movimento Apostolic Faith (fé apostólica), e ensinava que o cristão necessitava de uma terceira bênção, além da conversão e santidade, sendo esta o batismo com o espírito santo. Seus ensinamentos atraíram a população menos abastada e eram marcados pelo assistencialismo. Vilhena (2016, p.56) ressalta que a participação de mulheres nos movimentos avivalistas era evidente. Não obstante, em 1901, Agnes Nevada Ozman, protagonizou o primeiro batismo com o espírito santo na escola de Pahrman. Em 1905, Pahrman muda-se para Houston, Estados Unidos e inicia uma nova escola bíblica, propagando aos jovens cristãos seus ensinamentos sobre a nova doutrina, visto que as igrejas protestantes da época não acreditavam na manifestação do Espírito Santo e viam a passagem de Atos 2 como um feito histórico e único.

Em Houston a escola de Pahrman teve como aluno o jovem William Seymour, nascido em 1870 na cidade de Louisiana- EUA, negro e filho de ex-escravos. Seymour assistia às aulas da escola bíblica sentado em uma cadeira do lado de fora da sala de aula, visto que o sul estadunidense era regido por leis segregacionistas<sup>7</sup>. Através dessas aulas, passou a conhecer mais a nova doutrina e o revestimento de poder através do batismo com o espírito santo. Posteriormente, Seymour muda-se para Los Angeles e inicia o pastorado em uma igreja Metodista, contudo, seus ensinamentos sobre a nova doutrina não são aceitos, o que provoca

---

<sup>5</sup> O batismo com o Espírito Santo é concebido pelos pentecostais como um “revestimento de poder”, a característica que confirma o batismo é a glossolalia. Silva (2019, p. 64) usa a concepção de devir de Deleuze e Guattari para tratar do batismo com o espírito santo como uma ação, um devir.

<sup>6</sup> Glossolalia é o nome dado ao acontecimento descrito em Atos 2: 1-13, onde houve o derramamento do Espírito Santo e as pessoas começaram a se entender em sua língua nativa. Atualmente os pentecostais chamam esse fenômeno de “línguas estranhas”.

<sup>7</sup> As leis segregacionistas, conhecidas como Jim Crow (1876-1965), exigiam que locais públicos, como escolas, ônibus e afins tivessem espaços separados para negros e brancos.

sua expulsão da igreja. No entanto, Seymour traz consigo um grupo de simpatizantes e junto a estes inicia reuniões onde o foco era a busca pelo batismo com o espírito santo e a glossolalia.

Cordova (2012, p.25) também menciona, sem grande ênfase, Lucy Farrow, amiga de Seymour, como uma das transmissoras da nova doutrina. Após a visita dela, em uma das reuniões, muitas pessoas recebem o batismo com Espírito Santo. A partir daí, Seymour e seus membros mudam-se para um prédio antigo, que pertencera à igreja Metodista Episcopal, localizado na Rua Azusa, nº 312 e ali realizam cultos. Esse movimento ficou conhecido como o Avivamento da Rua Azusa e ocorreu de 1906 a 1909. O movimento é considerado o berço do pentecostalismo, marcado não apenas pelo batismo e a glossolalia, mas pelas características do zelo pelo próximo e o protagonismo de negros e mulheres.

A liderança das mulheres no movimento da Rua Azusa era marcante. A esposa de Seymour, Jennie Evans Moore, sempre utilizava os púlpitos quando seu marido estava em viagem. Após a morte de Seymour, em 1922, ela liderou a igreja até 1931. Nesse período outras mulheres negras também exerceram liderança, por exemplo, Lucy Farrow e Julia Hutchins. (VILHENA, 2016, p.57)

Ao contrário de Cordova, Vilhena (2016) reitera os papéis das mulheres na construção do pentecostalismo. A autora menciona a importância das mulheres e descreve as atribuições não apenas das pastoras *holiness*<sup>8</sup>, como Lucy Farrow, mas de tantas outras mulheres que desenvolviam funções de pregadoras, pastoras e escritoras como Clara Lum, Florence Crowford, Carrie Montgomery, Maria Woodworth-Etter e Rilda Cole. Estas mulheres não são mencionadas na historiografia oficial, reiterando a estrutura androcêntrica que reverberou no movimento pentecostal após o fim do Avivamento da Rua Azusa. Freston (1933, p.67) menciona que a expansão do movimento culminou na ordenação de pastores brancos e, com isso, houve separação racial e, conseqüentemente, o surgimento de novas igrejas majoritariamente brancas.

## 1.2 O movimento pentecostal no Brasil

Freston (1993, p.66) divide o pentecostalismo brasileiro em três ondas atreladas ao surgimento de algumas igrejas. A primeira inicia-se em 1910 com a fundação da Congregação Cristã, ganhando ênfase no ano seguinte com o surgimento da igreja Assembleia de Deus. A segunda, de acordo com o autor, é datada entre 1950 e o início da década seguinte, tendo como

---

<sup>8</sup> O movimento Holiness surgiu no interior do metodismo e visava à emancipação feminina. (VILHENA, 2016, p.55)

referências as igrejas Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). A terceira onda tem início no final da década de 70 com o surgimento da igreja Universal do Reino de Deus (1977) e é fortalecida em 1980 com o surgimento da igreja Internacional da Graça de Deus. Dito isso, traçaremos nosso diálogo somente com a igreja Assembleia de Deus, visto que é o foco da pesquisa. Todavia, antes de adentrar na história da igreja, é necessário pincelar a respeito da história de seus fundadores Daniel Hogberg – ou Daniel Berg como ficara conhecido no Brasil-, Adolph Gunnar Vingren e Frida Maria Strandberg.

Daniel Hogberg nasceu em 1884, na cidade de Vargon (Suécia). Sua profissão era de fundidor, porém, devido à crise política e econômica em seu país, ele se mudou em 1902 para Boston, Estados Unidos, onde sete anos depois conheceu Gunnar Vingren. Este também era sueco, nasceu em 1879 e era filho de jardineiro. Ele também emigra para os Estados Unidos, onde vai estudar teologia no seminário dos batistas suecos. Em 1909, Vingren é batizado com o Espírito Santo e meses depois conhece Berg. Vale ressaltar que, nesse período o avivamento da Rua Azusa alcançava seu auge e os missionários suecos são fortemente influenciados por este movimento. (BERG, 1995; CORDOVA, 2012; FRESTON, 1993)

A vinda dos missionários ao Brasil foi ocasionada por uma profecia<sup>9</sup> de um pentecostal sueco, que, em suas orações, teve uma visão que Berg e Vingren deveriam viajar até o estado do Pará, norte do Brasil. Acreditando neste ato como uma ordenança divina, Daniel Berg e Gunnar Vingren embarcaram em um navio rumo a Belém do Pará, chegando à cidade no dia 19 de novembro de 1910. Ao chegarem ao norte do estado, os missionários suecos depararam-se com a pobreza e a malária. O diário dos pioneiros relata que a maioria das pessoas que abraçaram a missão pentecostal eram de famílias pobres que não sentiam-se amparadas pelo Estado, o que facilitou a aceitação da nova doutrina que trazia a cura divina como um dos dons do Espírito Santo. (BERG, 1995; FRESTON, 1993)

Morando no porão de Raimundo Nobre, evangelista da igreja Batista que os acolhera na chegada a Belém, Daniel e Gunnar passam a trabalhar manualmente e aprender a língua portuguesa. Cordova (2012, p.20) menciona que Daniel Berg empregou-se como caldeireiro e fundidor na companhia *Porto of Para*, e com o salário recebido custeava aulas particulares de português a Gunnar Vingren, que, por sinal, repassava o conhecimento da língua ao amigo nos tempos livres. Daniel ao passar do tempo passa a comercializar bíblias traduzidas

---

<sup>9</sup> A profecia ou revelação é um dos dons advindos do Espírito Santo, descritos em I Coríntios 12. Os pentecostais acreditam que a terceira pessoa da trindade lhes concede dádivas após o batismo e a profecia é uma delas. Esta pode ser entendida como um ato de receber uma mensagem direta de Deus e entregá-la ao destinatário. No antigo testamento bíblico, os profetas eram as pessoas que faziam sacrifícios em prol do povo de Israel.

para a língua portuguesa. Gunnar era constantemente chamado para pregar nas igrejas em Belém. Ambos passam a realizar cultos nas casas de irmãos<sup>10</sup> e propagar os ensinamentos acerca do Espírito Santo.

### 1.3 O protagonismo de Celina Albuquerque na fundação da Assembleia de Deus

Celina Martins de Albuquerque era professora na escola dominical da igreja Batista. Os relatos históricos enfatizam que, meses após a chegada dos missionários, Celina ficou muito doente e sem perspectivas de cura. Em uma das visitas aos doentes, Daniel e Gunnar, junto a um grupo de irmãos, foram à casa dela para orarem pela sua cura. Através dessa oração, Celina foi curada e na sequência inicia-se o processo em busca do batismo com o Espírito Santo, e assim acontece.

Gunnar perguntou-lhe se acreditava que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim, e todos os presentes oraram ao Senhor, o grande médico. O Senhor interveio e a curou completamente. Seu ardente desejo agora era que o Senhor a batizasse com o Espírito Santo. Decidiu-se, então, junto com sua amiga Maria de Nazaré, a não sair de casa até que o Senhor viesse ao seu encontro conforme a sua promessa. Depois de cinco dias em jejum e oração, numa quinta-feira, à uma hora da madrugada do dia 9 de junho de 1911, ela recebeu o dom do Espírito Santo, e foi a primeira no Brasil a confirmar a mensagem dos missionários. (BERG, 1995, p.90)

Este acontecimento efetiva o pentecostalismo no Brasil e, concomitantemente, causa dissensões na igreja Batista. Pois, no domingo seguinte após o batismo de Celina, o dirigente da igreja Batista, Raimundo Nobre, a impede de ministrar suas aulas na escola bíblica. Sendo assim, em uma reunião de assembleia geral para discutir os rumos dessa nova doutrina, os missionários suecos, Celina Albuquerque e 19 pessoas simpatizantes da doutrina pentecostal, na maioria mulheres, são convidados a se retirarem da igreja, bem como da casa do evangelista, que não acreditava na nova doutrina. Esse fato ocorreu em 18 de junho de 1911. Após o ocorrido, os missionários fundaram uma nova denominação que tinha como nome Missão Apostólica da Fé, passando a realizar os cultos na casa de Celina Albuquerque. Em 18 de janeiro de 1918 a nova igreja passou a se chamar Assembleia de Deus. (BERG, 1995; CORDOVA, 2012; FRESTON, 1993)

Freston (1993, p.69) menciona que os primeiros 40 anos da igreja são fortemente marcados pela mensagem da caridade e amor ao próximo. Seus membros sumariamente

<sup>10</sup> Termo utilizado nas igrejas evangélicas para descrever alguém que decide ser cristão. Acredita-se que com o ritual de converter-se à igreja, o fiel passa a ser filho de Deus, portanto os componentes da igreja são irmãos uns dos outros. Este termo pode ser entendido como uma forma de tratamento no âmbito pentecostal, visto que todos chamam-se desta forma e quando não há a utilização do termo, pode ser entendido como desrespeito. Nesta monografia utilizarei este termo para nomear as mulheres do círculo de oração e os demais integrantes da igreja.

pertenciam às classes baixas e, na maioria, eram mulheres. Conforme indicam os registros sobre a fundação da igreja, as mulheres foram de suma importância para a consolidação da AD e estiveram junto aos pioneiros, dando suporte, ensinando nas escolas bíblicas e exercendo cargos de liderança. Todavia, como ressalta Mota (2008, p.4), o contexto brasileiro era fortemente marcado pelo patriarcalismo e isso deixou marcas na estrutura da igreja que reverberam até hoje.

Esse momento e o impacto na vida da pioneira Frida Maria Strandberg são relatados por Fonseca e Farias (2009, p.317-318):

Enquanto as mulheres estavam cooperando com os trabalhos da Igreja sem a pretensão de ocupar cargos e espaços que eram exclusivos aos homens não houve por parte da liderança qualquer restrição aos afazeres femininos. Todavia, a primeira movimentação de uma mulher no sentido de transpor os limites que demarcavam a atuação feminina na Igreja gerou grande polêmica entre pastores e missionários. A mulher em questão não era um simples membro, seu nome, Frida Strandberg Vingren, recomendava respeito e cautela o que, no entanto, não a livrou de inúmeras críticas que apontavam a exagerada liberdade de atuação a que dispunha.

#### 1.4 “O Espírito Santo não faz distinção de gênero”: a história de Frida Maria Strandberg

A trajetória desta mulher, considerada pela historiografia das Assembleias de Deus como “uma mulher à frente de seu tempo”, foi marcada por percalços, perseguições e uma morte trágica. Pretendo argumentar teoricamente a respeito destes pontos no terceiro capítulo, mas ressaltarei aqui as contribuições de Frida ao movimento pentecostal brasileiro e sua luta contra o androcentrismo da igreja. Trago a esta narrativa a noção de androcentrismo, visto que o poderio centralizado nas mãos da figura masculina é o cerne da estrutura ministerial das Assembleias de Deus. Para tanto, Bourdieu (1999, p.103) destaca:

[...] a igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. Ela age, além disso, de maneira mais indireta, sobre as estruturas históricas do inconsciente, por meio, sobretudo da simbólica dos textos sagrados, da liturgia e até do espaço e do tempo religiosos [...]

Frida Maria Strandberg nasceu em 1981, em Själevad, distrito de Västernorrlands, na região Norte da Suécia. Seus pais, Jonas Strandberg e Kristina Margareta Sundelin, eram cristãos pertencentes à igreja luterana. Na adolescência, Frida frequentara a *Evangeliska Fosterlands-Stiftelsens* (Associação Evangélica da Pátria) e tinha um grande desejo de fazer missões no exterior. Sendo assim, Frida fez um curso no Instituto bíblico sueco e depois cursou

enfermagem, profissão na qual atuou antes de vir ao Brasil. É válido ressaltar que, na Suécia, as mulheres eram consagradas como “*bibelkvinna* (antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas” (ARAÚJO, 2014, p.32) e podiam ser direcionadas a outros locais para exercer o trabalho missionário.

Um fator importante a ser destacado é o falecimento de sua mãe quando Frida tinha quatorze anos, sendo expulsa de casa aos 17, onde vai trabalhar como doméstica e estudar enfermagem. Araújo (2014, p. 28-29) relata que em 1917, Frida ingressou no movimento pentecostal, precisamente na Igreja Filadélfia de Estolcomo e no mesmo ano foi batizada em águas<sup>11</sup>, consagrada missionária<sup>12</sup> e batizada com o Espírito Santo. Nesse período, Frida conheceu Gunnar Vingren, que passava uma temporada com a família na Suécia. Eles iniciam um romance e passam a orar juntos buscando uma confirmação divina para o desejo de Frida de vir ao Brasil. Bispo (2017, p.123) relata que a missionária chega ao solo paraense no dia 3 de julho de 1917, ela tinha 26 anos e chegou sozinha ao estado, sendo recebida no cais de Belém pelo conterrâneo Samuel Nyström. Três meses depois casa-se com Gunnar Vingren, com quem teve seis filhos.

Ao chegar ao Brasil, a missionária foi informada de que as mulheres se restringiam aos trabalhos domésticos. Frida era enfermeira, então começou a auxiliar crianças e mães sobre noções de higiene. Ela também era dotada de conhecimento literário, dominava a escrita e atuava na área musical. Nos anos em que esteve no Brasil foi responsável pela redação dos jornais *Boa Semente* (1919-1930) e *O Som Alegre* (1929-1930) ambos fundados por Gunnar Vingren. Vilhena (2016) ressalta que os jornais eram os meios de comunicação entre o pentecostalismo brasileiro, norte-americano e sueco. Nos jornais, eram descritas as atividades das Assembleias de Deus no Brasil e reflexões sobre a situação da igreja no mundo. Frida também escreveu inúmeros periódicos e alguns hinos congregacionais que são cantados atualmente.

Após um período em Belém, Frida e Gunnar mudam-se para o Rio de Janeiro em junho de 1924, deixando Samuel Nyström na liderança da igreja da capital paraense. Nesse período eles iniciam a igreja Assembleia de Deus no bairro de São Cristóvão, que fica conhecida como “missão”. Pinto (2017, p.125) relata que a missionária assumia com frequência a liderança dos trabalhos da igreja, visto que Vingren viajava com frequência, outrora estava

---

<sup>11</sup> O batismo em águas é uma prática cristã e na igreja Assembleia de Deus é outorgado aos fiéis que já conhecem a doutrina. Ele é feito por imersão, ou seja, o indivíduo é mergulhado nas águas para que sua conduta até o momento tenha um fim e “nasça” uma nova criatura.

<sup>12</sup> A expressão refere-se a uma prática cristã que designa pessoas ao trabalho evangelístico.

acometido de enfermidades. Nesse período ela trabalhou a fim de expandir a igreja. A missionária, além de pregar, tocava órgão, cantava, preparava a liturgia do culto e, em 1929, passou a liderar os cultos na Casa de detenção do Rio de Janeiro. Frida era conservadora quanto aos ditames doutrinários da igreja e mantinha uma postura de descontentamento ante à forma como algumas mulheres portavam-se no Brasil. Seus relatos mostram uma postura rígida quanto aos usos e costumes e, ao mesmo tempo, reitera sua luta pelo protagonismo das mulheres dentro da igreja. Todavia, um fator importante a fez usar as ferramentas dos jornais para discordar de algumas atitudes dos pastores da época.

A atuação de Frida provocou descontentamento de lideranças, como o missionário sueco Samuel Nyström, que não concordava com a atuação da missionária e escreveu ao colega Gunnar sobre isto, reiterando que as mulheres não deveriam pregar, mas apenas testificar. Gunnar Vingren não acatou a contestação do colega, visto que concordava com a atuação das mulheres na igreja, tanto que consagrara Emília Costa ao diaconato. Os embates com o colega sueco acirraram ao ponto de dividirem os jornais da igreja. Na mesma época, os pastores brasileiros reúnem-se a fim de discutirem maior autonomia nos trabalhos da igreja, esta reunião ocorreu em 17 e 18 de fevereiro de 1929 em Natal/RN. Neste encontro os pastores marcaram outra reunião que seria a primeira convenção geral das Assembleias de Deus<sup>13</sup>, envolvendo tanto os pastores brasileiros, quanto estrangeiros.

Temendo uma cisão entre pastores brasileiros e suecos e, com a finalidade de buscar reforços para a tese do trabalho feminino na igreja, Vingren viajou à Suécia para trazer ao Brasil o pastor Lewis Petrus, da igreja Filadélfia de Estolcomo. Sendo assim, a primeira Convenção Geral foi realizada de 5 a 10 de setembro de 1930 em Natal/RN, com a finalidade de discutir sobre o trabalho realizado pelos missionários, a nova direção do trabalho pentecostal do norte e nordeste, a circulação dos jornais Boa Semente e O Som Alegre e o trabalho feminino na igreja. Ao final da convenção, decidiu-se que as igrejas nortistas e nordestinas seriam administradas pelos pastores brasileiros e que as mulheres não poderiam ocupar cargos de liderança nas Assembleias de Deus. Bispo (2017, p.128) enfatiza que Frida foi a única mulher a participar ativamente desta convenção. Todavia, mesmo com a sua incessante argumentação de que não há na bíblia relatos que coíbam os trabalhos de mulheres na igreja, a convenção de pastores decidiu que os espaços de liderança só poderiam ser ocupados por homens.

As irmãs têm todo direito de participar nas obras evangelísticas, testificando de Jesus e sua salvação, e também ensinando quando necessário. Mas não se

---

<sup>13</sup> A reunião foi o início do que viria a ser a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), fundada em 1930 e institucionalizada em 1943.

considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12. 3-8 [uma referência ao princípio do estado de necessidade]. Isso deve acontecer somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar. (VINGREN, 1982, p. 168)

Nesta convenção, os jornais Boa Semente, que estava aos cuidados de Samuel Nyström em Belém, e o Som Alegre, que Frida era redatora no RJ, fundiram-se em um só, que passou a chamar-se *O Mensageiro da Paz*. A intenção era fazer com que os conflitos entre Frida e Nyström cessassem. Entretanto, mesmo com a decisão contrária aos trabalhos de mulheres, Frida não se acovarda e na primeira edição do jornal ela escreve um texto intitulado *Deus mobilizando suas tropas*, onde conclama as mulheres assembleianas a não aceitarem a decisão sem antes lutarem, deixando claro que ela não se submeteria a decisão. Descreverei a seguir um trecho do texto com a grafia da época e os grifos originais.

Despertemo-nos, para atender ao chamado do Rei, alistando-nos nas Suas fileiras. As **irmãs** das “assembléias de Deus” que igualmente, como os irmãos tem recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se de que podem fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também **quando chamadas pelo Espírito Santo** sahir e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, paiz pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existe **um grande número** de irmãs (...) trabalhando **exclusivamente** no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra. (Os que estiveram em Natal e ouviram o pastor Lewis Pethrus falar deste assumpto, sabem que é verdade). Por qual razão, as irmãs brasileiras hão de ficar atrasadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer: Creio que não. (p.3)

Optei por deixar os grifos originais, pois Frida tinha objetivos concretos ao fazê-los no jornal. O primeiro grifo, ao tratar das irmãs, reitera que a mensagem é destinada às mulheres da igreja. Frida evoca um fator importante: se as mulheres recebem o Espírito Santo igualmente aos homens, então porque os cargos não são destinados a elas? Ela também provoca às mulheres a repensarem suas posições sociais. Quando Frida menciona o trabalho doméstico, é importante destacar que o contexto cultural da época era marcado pelo silenciamento da mulher na sociedade. Nesta época o feminismo branco no Brasil, Europa e Estados Unidos emplacava lutas pelos direitos civis das mulheres, sendo que, no Brasil, a principal pauta era o direito ao voto. Frida não se juntou a estas mulheres, mas usou de suas lutas para instigar as assembleianas a lutarem dentro da igreja. Vilhena (2016) menciona que, por mais que a motivação de Frida fosse religiosa, ela necessitava dos direitos buscados pelas feministas,

principalmente o de votar e ser votada e o da liberdade de tomar decisões igualmente aos homens.

O segundo grifo da missionária refere-se ao chamado do Espírito Santo, referindo-se à crença dos fiéis pentecostais de que as funções que estes desempenham na igreja advêm de uma convocação espiritual. A frase “ é o Espírito Santo quem capacita o homem”, é muito comum nas igrejas, visto que, há a crença de que Deus, através de visões ou profecias convoca o homem a desempenhar determinada função, e a confirmação deste chamado pode ser realizada pela autoridade máxima da igreja, o pastor. Ela menciona este fato para salientar que o trabalho das irmãs tem de ser direcionado pelo Espírito Santo. Os dois últimos destaques da missionária pontuam a diferença cultural entre Brasil e Suécia, pois, no país natal de Frida as mulheres poderiam ser missionárias, sendo ela mesma um exemplo disso ao ser consagrada *bibelkvinna*. Ela segue o texto destacando que um grande número de mulheres trabalhava na igreja e muitas, como ela, haviam sido enviadas como missionárias para outros países.

O questionamento de Frida do porquê as mulheres brasileiras não poderiam cumprir seus chamados para ensinar a palavra de Deus é compreendido por Freston (1994), através do que ele cunha como *ethos sueco-nordestino*, pois os pastores brasileiros do norte e nordeste vinham de uma república coronelista, onde o poder se concentrava nas mãos de alguns homens e as mulheres, em suma não letradas, cumpriam apenas os afazeres domésticos. A igreja fundada no norte brasileiro e expandida primeiramente ao nordeste carregava em seus traços hierárquicos características de poderio totalmente androcêntricos. Frida era uma das poucas mulheres que tinha acesso a livros e sabia escrever e ler. O fato de ela ser exceção à regra e buscar instigar as mulheres assembleianas a galgarem outros lugares, fez com que os pastores brasileiros e suecos se organizassem para afastá-la da igreja, e assim ocorreu.

Devido aos infortúnios que ocorreram no Brasil, Frida e Gunnar decidem voltar à Suécia. A saúde de Gunnar era bastante debilitada e Frida estava esgotada fisicamente e psicologicamente devido aos conflitos com os pastores. Outro fator que contribuiu para o regresso a Suécia foi a morte da filha caçula do casal, Gunvor, de três anos e dez meses, vítima de gripe viral. Sendo assim, o casal e seus cinco filhos retornam a Suécia no dia 15 de agosto de 1932, com Vingren doente de pneumonia e vindo a falecer em no dia 29 de junho de 1933, com 53 anos de idade. Frida, agora viúva, deseja voltar ao Brasil para continuar o trabalho que deixara, contudo, é impedida por Lewis Pethrus. Ela faz uma segunda tentativa, dessa vez seu plano é ir de trem até o sul da Suécia e de levar pegar um navio até Portugal, contudo ao chegar na plataforma, alguns “irmãos” da igreja Filadélfia, guiados por Pethrus, a impedem de

embarcar causando um tumulto no local. Todos são levados a delegacia e Frida é internada pela primeira vez em um hospital psiquiátrico contra a sua vontade em 25 de dezembro de 1934. (ALENCAR, 2012; VILHENA, 2016)

A jornalista sueca Kajsa Norell pesquisou a história do pentecostalismo brasileiro e teve contato com as cartas e outros documentos relacionados à Frida que estavam na Suécia. Seus registros indicam que nenhum prontuário médico indicava que ela sofria distúrbios psicológicos, a única doença constatada pelos médicos foi hipertireoidismo e nos últimos dias de vida ela foi diagnosticada com um câncer no estômago. Alguns autores como Valéria Vilhena e Gedeon Alencar afirmam que Frida foi conduzida à loucura pelos problemas que enfrentara no Brasil e na Suécia. Não me cabe afirmar ou refutar estas afirmações todavia, o fato é que Frida faleceu em no dia 30 de setembro de 1940, após 6 anos “vivendo” no hospital psiquiátrico de Konradsberg, com 49 anos de idade e pesando 30 kg. Seu legado foi silenciado por muitos anos da história da igreja, assim como, os graves danos que o androcentrismo e a misoginia dos pastores brasileiros e suecos lhe causaram.

As questões de gênero e poder que imbricaram na morte de Frida serão analisados no terceiro capítulo. No mais, é necessário compreender o início do movimento pentecostal no Brasil para traçar como a igreja evangélica Assembleia de Deus em 108 anos de fundação nunca consagrou mulheres aos cargos da alta hierarquia ministerial. Se o Espírito não faz distinção de gênero, quais as razões que impedem o protagonismo das mulheres e como elas atuam nesse processo que as subalterna, sendo que são a maioria nas igrejas? No entanto, o processo de submissão não coíbe as alianças fortalecidas pelas mulheres e o exercício de um poder simbólico. Nesse contexto, destacarei o Círculo de Oração, que, como ressalta Mota (2008), surgiu de uma reunião de mulheres em 1945, com a finalidade de tecerem orações em prol da cura de uma adolescente em Recife-PE, tornando-se um grupo altamente organizado na igreja Assembleia de Deus no Brasil. Atualmente, o grupo é marcado pelo fato de abrigar as mulheres casadas da igreja. Suas funções são centradas na oração pela comunidade e no louvor nos cultos congregacionais. Na igreja que esta pesquisa foi feita elas ocupam cargos de liderança evangélica, exercendo poderio simbólico. A descrição deste grupo, bem como sua atuação, serão descritas no próximo capítulo desta monografia.

## CAPÍTULO 2 - O CÍRCULO DE ORAÇÃO E AS DISSIDÊNCIAS COM O ANDROCENTRISMO

Neste capítulo tratarei brevemente do surgimento do Círculo de oração da igreja Assembleia de Deus, desde sua fundação, em Recife, até a sua implementação em todas as igrejas convencionadas. Trarei um relato etnográfico do Círculo de oração Rosa de Saron, com o qual dialoguei para a realização desta pesquisa, para compreender como as relações de gênero, enquanto instância de poder, atuam na igreja. Descreverei os espaços ocupados pelas irmãs, bem como o trabalho subversivo desenvolvido por elas. O arcabouço teórico que usarei baseia-se nos escritos bíblicos que citam a atuação de mulheres em cargos de liderança, nos estudos de Alencar (2012) sobre a atuação das mulheres na doutrina pentecostal e na trajetória de vida das mulheres pertencentes ao círculo de oração Rosa de Saron.

### 2.1 A história do Círculo de Oração

A igreja evangélica Assembleia de Deus é dividida em grupos<sup>14</sup> que atuam para o funcionamento da instituição. Os grupos são formados de acordo com faixa etária, dons espirituais ou mediante matrimônio, como é o caso do Círculo de oração. Esse grupo atua dentro da igreja exercendo o que Bourdieu (1989, p. 7-8 ) classifica como poder simbólico:

É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

Trago a prerrogativa do poder simbólico, visto que as mulheres assembleianas não ocupam os cargos ministeriais de poder no púlpito, como as funções do presbitério, diaconato e auxílio na igreja.<sup>15</sup> Todavia, estas exercem um poderio simbólico que não é visível na estrutura da igreja, mas perpassa os espaços do púlpito e do templo. É necessário ressaltar que esta é a estrutura ministerial da Assembleia de Deus em Boa Esperança. No Brasil há igrejas

---

<sup>14</sup> Os grupos ou departamentos são divididos na igreja AD Boa Esperança da seguinte forma: crianças da faixa etária de 3 a 11 anos, adolescentes de 11 a 16 anos, jovens acima de 16 anos e que ainda não casaram, círculo de oração composto pelas mulheres casadas da igreja e grupo de homens composto pelos homens casados e/ou que desempenham funções no ministério.

<sup>15</sup> O presbitério é ocupado por homens que são batizados com o Espírito Santo. Geralmente são homens mais velhos responsáveis por ensinar a igreja e assumem esta na ausência do pastor. O diaconato também é destinado a homens batizados pelo Espírito Santo, todavia suas funções variam de acordo com a igreja. Em suma o diácono deve auxiliar no trabalho administrativo e servir de maneira geral. Na AD também há a função de auxiliar, como o termo indica, este deve ajudar os demais ministros no que for necessário.

evangélicas que consagram mulheres aos cargos ministeriais, como é o caso da Assembleia de Deus no estado do Amazonas que consagra mulheres ao diaconato.

As igrejas evangélicas são marcadas por uma alto índice de mulheres na membresia. Dentro da Assembleia de Deus elas são responsáveis pelo louvor, evangelização e oração. O círculo de oração assume este nome a partir de 1942 em um enredo que envolve a história mística da cura de uma adolescente. A historiografia assembleiana menciona que um grupo de mulheres da igreja Assembleia de Deus em Casa Amarela, Recife/PE realizaram uma “roda de oração” na casa da irmã Albertina Ferreira, com o intuito de buscarem a cura de sua filha Zuleide, uma adolescente que estava com uma grave doença. A menina consegue sua cura através das orações do grupo e, a partir deste feito, surge oficialmente o Círculo de Oração na igreja Assembleia de Deus. (ALENCAR, 2012; MOTA, 2008)

## **2.2 O Círculo de Oração Rosa de Saron**

O círculo de oração Rosa de Saron é um departamento da igreja evangélica Assembleia de Deus em Boa Esperança que surgiu em 1981, sob a direção da irmã Lúcia Cardoso. Não há um registro do quantitativo de mulheres que participavam do grupo nessa época, mas, segundo o relato da irmã, era um grupo pequeno, visto que nesse ano a igreja inaugurara seu primeiro templo com pouquíssimos membros. A nomenclatura é uma referência à passagem que se encontra no antigo testamento da bíblia, em Cântico dos Cânticos, capítulo 2, onde a Sulamita (a amada do rei Salomão) se intitula como a Rosa de Saron. Na narrativa bíblica, o vale de Saron é descrito como uma terra fértil que produzia belas flores, por isso a sulamita se intitula como uma rosa deste vale. A expressão é atribuída a um denotativo de beleza e bons aromas e é frequentemente usada para nomear departamentos em igrejas.

O círculo de oração atua como uma rede de apoio para mulheres, pois é neste espaço que elas compartilham suas vivências e buscam acolhimento às suas dores. Na igreja Assembleia de Deus em Boa Esperança, as mulheres compõem a maioria dos membros. De acordo com um levantamento realizado em junho de 2019 pela autora, a igreja possuía 265 membros, destes, 180 são mulheres e, destas, 42 compõe o círculo de oração. É notório ressaltar que nem todas as mulheres casadas da igreja são participantes do círculo de oração, a participação no grupo é uma decisão pessoal e voluntária destas mulheres. Quando perguntei a ir. Maria da Luz se eu, enquanto mulher não casada, poderia participar do grupo, ela retrucou dizendo que todas as mulheres poderiam participar do grupo e que a “regra” de que só poderiam mulheres casadas era uma questão de costume. No Rosa de Saron há irmãs que ainda são

casadas legalmente com seus respectivos ex-cônjuges, mas não convivem mais com eles. Elas permanecem no grupo, mas há uma prerrogativa de que não deveriam se divorciar, pois “o casamento é uma instituição indissolúvel”.

A maioria das mulheres do grupo trabalham na roça e/ou são donas de casa. Algumas trabalham nas casas de farinha<sup>16</sup> e uma pequena parcela é professora na escola da comunidade e as irmãs mais idosas são aposentadas. O grupo tem uma diversidade de faixa etária, a irmã mais nova tem 20 anos e a mais velha tem 80. Algumas estão lá desde a existência do grupo e outras entraram no início deste ano, logo após se casarem. Dentre as irmãs que participam do grupo estão a irmã Luísa Barbosa e a ir. Raquel, respectivamente esposa e filha do pastor da igreja.

A escolha de liderança é realizada anualmente pelo pastor da igreja. Alencar (2012, p.191) atesta que essa escolha é feita por afinidades ao líder, pois torna-se mais fácil monitorar e controlar as ações do grupo se quem está à frente tem sintonia com o líder. Em suma, são escolhidas mulheres que sejam batizadas com o Espírito Santo. Em algumas AD's quem assume a liderança do círculo de oração é a esposa do pastor. Na igreja de Boa Esperança a líder do círculo de oração desde 2017 é a irmã Maria da Luz, adiante falarei um pouco mais de sua atuação no grupo.

As mulheres pertencentes ao círculo de oração são consideradas exemplares, portadoras de uma conduta moralista. O contato sobrenatural com o divino que elas desenvolvem é peça fundamental para manter essa postura de que elas são “os pilares da igreja”. Como membra da Assembleia de Deus e, nos últimos meses, também como pesquisadora, presenciei vários casos de comunitários não pertencentes à igreja que direcionavam pedidos de oração às irmãs do círculo de oração. Em suas reuniões elas testemunhavam de forma satisfatória as bênçãos que as pessoas recebiam através de suas orações, sempre justificando que elas só intermediavam o processo, pois quem concedia as benevolências era Deus. “Deus nos dá o dom e nós temos que exercer!” Disse-me irmã Lúcia na entrevista realizada em 10 de junho de 2019. Alencar (2012, p.192) ressalta que a organização destas “profetisas” é imbuída de um poderio simbólico que pode alavancar um ministério ou desestabilizá-lo.

---

<sup>16</sup> A casa de farinha é o local onde se transforma a mandioca em farinha. A comunidade de Boa Esperança é conhecida no planalto santareno como referência na produção de farinha de tapioca que é um dos principais meios empregatícios para os moradores.

### 2.3 A liderança do Círculo de Oração

#### *Presidente e vice*

Estas funções são outorgadas anualmente pelo pastor da igreja, normalmente há uma troca anual realizada no primeiro culto administrativo do ano. Estas funções são destinadas às mulheres mais experientes do grupo, pois são elas que irão conduzir o grupo aos trabalhos que serão desenvolvidos na igreja. Atualmente a função de presidente é desempenhada pela irmã Maria da Luz junto à irmã Kélia Maciel, que ocupa a posição de vice.

#### *Secretária*

É responsável pela organização administrativa do grupo, como a frequência dos ensaios, atas de reuniões, orçamento dos eventos promovidos pelo grupo e recolhimento das ofertas angariadas nos ensaios. Estas funções são desempenhadas pela irmã Marilis Gama e irmã Marineuza Cunha.

#### *Regentes*

São responsáveis pelas escolhas dos hinos que o coral canta e também se colocam à frente do grupo nos cultos e festas para conduzir as irmãs na musicalização. Esta função é desempenhada pelas irmãs Cristina Rabelo e Aldeci Costa.

#### *Solistas*

São responsáveis pelos solos das canções que as irmãs cantam na igreja. No círculo de oração Rosa de Saron esta função é desempenhada pelas irmãs Elke Pereira, Socorro Lourido e Aldeci Costa.

#### *Visitadoras*

Não há uma definição específica para esta função, mas esta é ocupada pelas irmãs consideradas idôneas, de reputação exemplar e que tenham dons espirituais. Cabe a essas irmãs orarem pelos enfermos quando solicitadas, entregar profecias, visitar e realizar pequenos cultos nos lares de pessoas que estão doentes. No círculo de oração Rosa de Saron, esta função é desempenhada pelas irmãs Alzira Pimentel, Lúcia Cardoso, Maria Barbosa, Lindalva Costa e Joana Cunha.

Durante a semana a rotina das irmãs na igreja é estruturada da seguinte forma:

### *Ensaio/Reunião*

Nas segundas feiras elas se reúnem na igreja para orar e ensaiar os louvores que cantarão aos domingos. O ensaio é iniciado com uma oração de joelhos que dura de 10 a 15 minutos, precedido da leitura de um versículo da bíblia pela presidente ou vice. Na sequência, a liderança repassa as atividades que seguirão durante a semana e, quando há algum evento, as secretárias dividem as equipes que ficarão com alguma atividade específica, quando não há elas ensaiam os louvores que serão cantados no domingo. Terminado o momento do louvor a ir Maria da Luz oferece a oportunidade para alguma irmã que queira contar alguma benevolência divina ou alguma situação que requeira oração das irmãs e, em seguida, elas fazem o círculo para a oração final. Esse círculo é feito no centro da igreja com as irmãs segurando as mãos umas das outras. Uma irmã, que pode ser a presidente ou quem ela designar, segura uma caixa retangular de cor preta chamada de “caixinha de oração”, onde estão os pedidos de intercessão que as pessoas encaminham para que as irmãs orem no círculo.

O círculo tem uma forte carga espiritual. Elas iniciam a oração concomitante a um contínuo processo de glossolalia, onde uma a uma é envolvida no “mistério”. A oração final é demorada, nela elas pontuam a Deus suas súplicas, apresentam as pessoas que fizeram os pedidos da caixinha, oram pelas lideranças da igreja, oram pelo crescimento do grupo, agradecem pelas bênçãos e no final elas entoam em uníssono alguns versículos do Salmo 5.

Dá ouvidos às minhas palavras, ó Senhor; atende à minha meditação. Atende à voz do meu clamor, Rei meu e Deus meu, pois a ti orarei. Pela manhã, ouvirás a minha voz, ó Senhor; pela manhã, me apresentarei a ti, e vigiarei. (Salmos, 5: 1-3, BÍBLIA SAGRADA, 2011)

### *O Culto do Círculo de Oração*

Na segunda terça-feira de cada mês elas realizam um culto do círculo de oração, onde são elas que direcionam a liturgia. O registro no diário de campo indica que na reunião das irmãs no dia 18 de março de 2019, a presidente do grupo propôs que elas realizassem os cultos com todas as irmãs do campo pastoral,<sup>17</sup> com o objetivo de integralizar as irmãs. Sendo assim, o culto passou a ser alternado entre o templo central e as 3 congregações do campo. Acompanhei o culto realizado no dia 9 de abril de 2019 na congregação Rio Jordão. Elas foram de ônibus até

<sup>17</sup> Os campos pastorais são subdivisões da igreja em território nacional. Cada município é dirigido por um supervisor e cada campo tem um pastor-presidente. Dentro dos campos há divisões, como o Templo central, que é a sede da administração da igreja, e as congregações, que são igrejas nos bairros, sendo que, no caso do campo da AD em Boa Esperança, as congregações são formadas pelas comunidades vizinhas.

o local do culto, que fica a aproximadamente 13 km da comunidade de Boa Esperança. O culto iniciou às 19:30 horas com uma oração feita pela irmã Maria da Luz, seguida de louvores do hinário assembleiano e louvores do coral do círculo de oração. A pregação da palavra foi ministrada por uma irmã da AD em Jacamim, uma comunidade vizinha. Ao final do culto elas voltaram para suas casas fazendo planos para aprimorar o projeto da integração das irmãs do campo.

#### *A Consagração de sábado*

Nos sábados pela manhã elas reúnem-se na igreja para orarem das 6 às 7 horas. Segundo elas, a oração é o principal elo que as une, tudo é pautado por esta prática. Quando questionadas sobre essa dupla atuação de louvor e oração, obtive a resposta de que “ [...] o círculo de oração é como dois em um. Tem as mulheres que são mais de orações e campanha e tem as que são mais do louvor.” (Maria da Luz, 23 de abril de 2019)<sup>18</sup>

#### *A liderança dos NEC's*

Os Núcleos de evangelismo e crescimento- NEC's são pequenos grupos de 10 a 15 pessoas que reúnem-se nas casas de membros ou não membros da igreja para realizarem cultos às quarta feiras, das 20 às 21 horas. Os núcleos foram criados pelo antigo pastor da igreja, em 2017, com o objetivo de conquistarem novos membros. Ao todo, são 5 grupos - Estrela da manhã, El Shaday, Embaixadores de Cristo, Koynonia e Derrubando Muralhas - destes, 4 são dirigidos por irmãs do círculo de oração. O Estrela da Manhã é liderado pela irmã Marineuza, O El Shaday pela irmã Elke e Joana Cunha, o Embaixadores de Cristo pela irmã Lindalva Costa e o Derrubando Muralhas pela irmã Cristina Rebelo.

As irmãs também cantam nos cultos de santa ceia, onde rememora-se a crucificação de cristo. Elas também realizam trabalhos semelhantes aos Nec's nas casas de membros da igreja que, pela impossibilidade de irem ao templo, chamam as visitadoras para irem até suas residências. Estes cultos são denominados “tardes de louvor”, duram 1 hora e acontecem geralmente aos domingos às 15 horas. Em suma, o trabalho das mulheres é voltado para oração e louvor. No período de julho a novembro elas intensificam as atividades para a festa do coral.

---

<sup>18</sup> Entrevista realizada pela autora com a presidente do círculo de oração Rosa de Saron.

## 2.4 A Festa

A festa é um rito que ocorre anualmente na igreja, sendo realizada por todos os departamentos de louvor da AD Boa Esperança. Simbolicamente, celebra-se o aniversário dos departamentos, onde comemora-se mais um ano de existência do grupo, bem como o resultado do trabalho realizado. A festa geralmente tem a duração de dois dias, iniciando-se na noite de sábado, com o término na noite de domingo. Antes do evento há meses de preparação que envolvem a escolha dos trajes que serão usados, a alimentação que será oferecida aos convidados, a escolha de quem ministrará a palavra e dos corais que serão convidados. Quando iniciei a pesquisa com as irmãs elas estavam na véspera da festa de 2018, que aconteceu nos dias 10 e 11 de novembro. Desta forma, pude etnografar o acontecimento que ocorreu da seguinte forma.

### *O primeiro dia de festa*

O culto iniciou às 19:30 horas com a liturgia comum da igreja: oração inicial, leitura de um trecho da bíblia e cântico de dois hinos do harpa cristã. Na sequência, houve a entrada das irmãs no templo, sendo este um ato é emblemático do departamento. O grupo entrou com a presidente à frente, portando a bíblia, seguida da irmã Luiza Barbosa, portando a bandeira do Brasil, a irmã Maria Barbosa, portando a do Pará e outra irmã portando a bandeira do Círculo de oração. Atrás delas as demais componentes marchavam com a bíblia na mão, como um exército. Este rito é bastante comum nas AD's, ressaltando um conservadorismo das “mulheres de Deus” e a marcha remete muito ao militarismo, denotando um exército de mulheres em prol da fé.

Após a marcha, as mulheres permaneceram nas escadarias do púlpito e iniciou uma apresentação teatral intitulada “o vaso de barro”. Na apresentação, o foco da mensagem era o valor do vaso de barro, que economicamente era menos valoroso, mas simbolicamente possuía mais valor de que os vasos de ouro, cristal e os com adornos. O enredo era baseado nos escritos do profeta Jeremias, onde Deus aparece a ele em sonhos para exortar o povo de Israel.

A palavra do SENHOR, que veio a Jeremias, dizendo: Levanta-te, e desce à casa do oleiro, e lá te farei ouvir as minhas palavras. E desci à casa do oleiro, e eis que ele estava fazendo a sua obra sobre as rodas, como o vaso, que ele fazia de barro, quebrou-se na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos olhos do oleiro fazer. Então veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? diz o Senhor. Eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel. (Jeremias, 18: 1-6, BÍBLIA SAGRADA, 2011)

O processo de construção de um vaso de barro simboliza o cristão que tem suas atitudes moldadas por Deus quando se converte. No enredo da apresentação, a irmã Ana de Jesus, simbolizando o oleiro, busca um vaso que aceite ser feito para uma finalidade específica e as irmãs que possuíam seus vasos de grande valor econômico não aceitam que estes sejam quebrados, todavia, a que possuía um vaso de barro doa ele ao oleiro para este refaça o vaso nos ditames que desejar.

Após a apresentação teatral, as mulheres cantaram sua primeira canção e, logo após, se dirigiram a bancada lateral para tomarem seus assentos. A igreja estava lotada de convidados, amigos, membros da igreja, familiares das irmãs e o círculo de oração de Santarém que fora convidado a participar da festa. No decorrer do culto, a presidente do círculo de oração convidado teve a oportunidade para se expressar e ela leu uma passagem do livro de 2 Crônicas 15:7 “mas esforçai-vos, e não desfaleçam as vossas mãos; porque a vossa obra tem uma recompensa.” A explicação para o uso desta passagem foi de que as mulheres da igreja continuassem perseverando em oração. A disciplina e a perseverança são características da mulher de fé, visto que, no contexto de mulheres do âmbito rural, é a fé quem a motiva a aguentar as mazelas da vida, os problemas de alcoolismo do companheiro e as demais provações que as atormentam.

A pregação foi realizada por um pastor convidado, pois, mesmo a festa sendo das mulheres, o púlpito é espaço dos homens. São os presbíteros, diáconos, auxiliares e pastores que ocupam o púlpito. Todavia, por serem mulheres proféticas, a pregação fica veiculada à aprovação delas. Esta se dá através de expressões como “glória a Deus!”, “Aleluia”, “Fala Deus!”. Quando não há esse retorno à mensagem que está sendo emitida do púlpito o pregador pode se considerar um charlatão ou algo pior. Como elucida Alencar (2012, p. 192-193):

Seu “silêncio estratégico”, que pode ser seguido por seu grupo caseiro, é não proclamar “Glória ou Aleluia” enquanto determinado homem estiver falando. E isto é um sinal de morte para este: sua mensagem é fria. Pois, quando outro prega (ou mesmo dá aviso), o grupo responde com “glória”, “aleluia, fala, Deus!” e o restante da igreja vai junto. A “contaminação” do “fervor” ou da “frieza” de um determinado grupo (in)safisfeito, liderada por uma mulher astuta pode acabar ou levantar um ministério e/ou Ministério. E muitos projetos, pastores e movimentos foram inflados ou derrubados assim.

### *O Segundo dia de Festa*

O segundo e último dia de festa foi marcado pela participação das irmãs no púlpito. Pela manhã elas contaram seus depoimentos sobre a festa e quão gratas estavam por aqueles

dias. A integrante mais recente do círculo de oração, irmã Ivoneide, testemunhou sua felicidade em retornar à igreja com seu esposo. A irmã Cristina, regente do grupo chamou atenção ao fato de boa parte de sua família está “salva”<sup>19</sup> e mencionou que a escolha dos hinos foi direcionada por Deus para “tocar” os presentes. A irmã Marilis, que estava a 3 anos no grupo, lembrou sua conversão e a de seu esposo, falou também do fato de ser a responsável pela confecção dos trajes das irmãs. “Esse foi o dom que Deus me deu”, disse ela. Logo após a fala dela, o grupo cantou uma música que falava sobre vitória após o sofrimento. A canção foi enfatizada pela pregadora, que assumiu o púlpito logo após o cântico das irmãs. Sua fala foi centrada na narrativa da oração como a chave de tudo. A pregadora ressaltou a importância das mulheres e citou exemplos da bíblia de mulheres que conseguiram alcançar objetivos através da oração.

O encerramento da festa aconteceu na noite de domingo. O culto iniciou com a liturgia costumeira de: oração, hinos da harpa, leitura da palavra e apresentação dos visitantes. Nesse dia o círculo de oração de uma congregação do campo estava presente e foi dada a oportunidade a elas para cantarem um hino. Outras oportunidades foram dadas aos obreiros do púlpito. Na sequência, o pregador pr. Nonato Pontes usou a oportunidade para falar sobre os sentimentos ruins que assolam a vida cristã, ressaltando a passagem de Mateus 11:30 “ porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” para lembrar a igreja de que Jesus havia dito estas palavras prometendo alívio àqueles que vinham até ele com suas dores.

Ao final do culto, o pregador disse que Deus estava pedindo que os obreiros se ajoelhassem no púlpito e, em seguida, pediu que as irmãs do círculo de oração subissem até lá e fizessem uma oração por eles. Elas então realizaram um semi-círculo ao redor do púlpito e oraram com as mãos estendidas sobre aqueles homens. A última oportunidade da noite foi dada à presidente do grupo, que destacou a intercessão pela igreja como o principal papel do círculo de oração. Ela também agradeceu o empenho das irmãs na realização do evento e aos convidados pela participação nos dois dias. E assim encerrou o trigésimo sétimo aniversário do Círculo de Oração Rosa de Saron.

---

<sup>19</sup> No pentecostalismo o processo de salvação inicia logo após o indivíduo “aceitar Jesus”, ou seja converter-se ao evangelho. Sendo assim a salvação é o processo final de uma “vida dedicada” ao evangelho, todavia, não basta ter sua vida salva é necessário conquistar outras pessoas, principalmente a família. Pois, do que adianta evangelizar outras pessoas se a própria família não está salva?! Esse questionamento perpassa todas as reuniões dos departamentos da igreja, mas no círculo de oração é mais latente, visto que elas são vistas como as “mulheres de oração”.

## 2.5 Ir. Maria da Luz, pregadora e presidente do CO

Maria da Luz Santos Almeida é professora de filosofia e literatura do ensino fundamental e médio e, na igreja, ocupa o cargo de presidente do círculo de oração desde 2016. Ela também é pregadora, professora da escola dominical e auxilia na liderança do NEC. Em uma entrevista concedida à autora em 23 de abril de 2019, ela relata seu processo de conversão e seu dom de pregação. A seguir transcreverei na íntegra o relato retirado do meu relatório de campo.

Era um dia chuvoso e, quando chove na Boa Esperança, o tráfico de pessoas diminui devido à lama das ruas. Nesse dia tinha ensaio do círculo de oração. Eu fui com minha mãe, que é regente do coral, até à igreja. Encontramos ir. Maria da Luz e outra irmã que aguardava o ensaio e ficamos conversando enquanto as demais não chegavam. Passou um tempo e ninguém apareceu, Maria da Luz propôs que orássemos e fôssemos para nossas casas. Antes de sairmos, perguntei a ela se poderíamos conversar e ela me relatou a narrativa de sua conversão e de como o Espírito Santo a chamara para pregar.

Ela dissera que sua família era muito católica e seu pai não gostava de crente. Na época, existia um preconceito com as pessoas que se convertiam à denominação evangélica. Nesse tempo ela tinha 20 anos e estava sentada embaixo de uma mangueira quando sentiu uma angústia no peito e falou: “Deus me ajuda!”, ouvindo, em seguida, uma voz dizendo: “Tu vais ser crente”. Ela respondeu “Meu pai não vai deixar” e a voz disse: “ Vai na casa da irmã Carminha<sup>20</sup> e fala pra ela perguntar a seu pai se uma filha do seu Pedro pode ser crente”. Ela disse que assim o fez e, mesmo com as restrições de seu pai, ela se tornou membro da igreja evangélica.

Maria também é pregadora e disse que esta dádiva foi concedida por Deus de forma mística:

Eu sonhei que estava eu e minhas duas amigas e nós desenterramos 3 vasos de barro escondidos na areia. O vaso da primeira não tinha nada, o da segunda também não e o meu tinha uma espada de ouro. Eu não entendi o significado e fui procurar a irmã Carminha novamente. Ela me disse que a espada era a palavra de Deus e aquele sonho significava que eu seria pregadora.

Sua atuação na igreja diverge do papel destinado às mulheres. Ela geralmente está no púlpito, ora pregando, ora ensinando a lição da EBD, mas são papéis temporários, visto que, apenas homens têm funções ministeriais permanentes. Quando questionada sobre o fato de não

---

<sup>20</sup> Irmã Carminha era uma senhora pertencente a igreja e que era vizinha de irmã Maria da Luz e muito próxima à família.

estar no púlpito permanentemente e se havia alguma implicação em sua vida, ela retrucou dizendo que a maioria da membresia é composta por mulheres, e que estas lideram NEC's, são professoras da EBD e fazem o trabalho evangelístico, pois o ministério de obreiros não é de ir para fora da igreja fazer o que elas fazem. Ela reiterou também que o Espírito Santo capacita quem Ele quer, independente do gênero.

## 2.6 O Espírito Santo capacita quem Ele quer

A doutrina pentecostal segue como um espaço ambivalente que tem maioria de mulheres na atuação evangelística, mas a ausência destas em cargos de hierarquia de poder. Essa doutrina iniciou-se com mulheres negras, mas, no decorrer dos anos, os homens foram tomando cada vez mais espaço. Mesmo a doutrina emergindo das vozes de mulheres negras, quando espalhada ao mundo colocou as mulheres no âmbito do silenciamento, rememorando a tradição paulina que silenciava as mulheres nas reuniões do cenáculo, aconselhando-as a sanarem suas dúvidas em casa com seus maridos<sup>21</sup>. Esta prerrogativa é justificada por comentaristas bíblicos alegando que o apóstolo Paulo, um dos instauradores do cristianismo em Roma e na Grécia, referia-se às mulheres gregas recém-convertidas que ainda mantinham “traços pagãos” em seus comportamentos, outros alegam que o apóstolo queria impor costumes judaicos de submissão feminina a outras culturas, visto que, no judaísmo, as mulheres cultuavam separadas dos maridos e usavam véu para cobrir suas cabeças.<sup>22</sup>

O fundamento teológico do cristianismo é enraizado na figura de Jesus Cristo e remete a Ele as quebras de estigmas de costumes forjados pelas leis judaicas. O evangelho de Mateus 15 narra o episódio em que Jesus cura a filha de uma mulher sírio-fenícia. Pela lei, enquanto homem judeu, ele não poderia falar com povos estrangeiros, tampouco se fosse com uma mulher, pois era mal visto. O evangelho de João, no capítulo 4, narra a passagem de Jesus por Samaria quando ele dialoga com uma samaritana à beira de um poço. Os samaritanos eram considerados povos impuros pelos judeus e ambos não estabeleciam relações interpessoais. No relato de João, percebe-se que a mulher não estava inserida no padrão de “núcleo familiar tradicional”, pois vivia com um marido que não era seu. Jesus a interpela com palavras de consolo e, através dela, inicia um processo de evangelização em Samaria. O evangelho de João 8 relata o episódio em que Jesus impede que Maria Madalena seja apedrejada em uma acusação de adultério. Essas passagens questionam a legalidade dos costumes, pois se a figura central do

---

<sup>21</sup> cf. I Coríntios, 14: 34, 35, BÍBLIA SAGRADA, 2011

<sup>22</sup> cf. I Coríntios, 11: 5, 6, BÍBLIA SAGRADA, 2011

cristianismo desconstruiu padrões culturais em favor de mulheres marginalizadas pela sociedade<sup>23</sup>, qual a prerrogativa que alicerça o discurso cristão-androcêntrico?

Utiliza-se um discurso raso para respaldar a não consagração de mulheres para liderar igrejas, uma delas enfatiza que, no princípio da criação divina, Eva foi mais suscetível ao pecado por ter sido convencida a comer do fruto proibido e oferecer a Adão, todavia, ele também poderia ter rejeitado, mas não o fez e a culpa recaiu sobre ela. Este argumento não só é inválido como tendencioso, pois se a condição pecaminosa for motivo para a desvalorização de alguém, Davi, o segundo rei de Israel, não seria segundo o coração de Deus<sup>24</sup>, Pedro não seria discípulo de Jesus e tantos outros exemplos bíblicos de homens que cometeram erros e galgaram posições de liderança. Em um artigo intitulado *Por que mulheres não podem ser pastoras?* publicado na revista da Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD, o pr. Ciro Zibordi<sup>25</sup> argumenta que o homem foi feito primeiro e Deus o constituiu responsável pelo lar, logo, por estas razões, o pastorado deve ser priorizado a ele. Este argumento além de descabível é contraditório, visto que, em Juízes, quem governa o povo é Débora e não o seu marido Lapidote. Se a prioridade era masculina, qual o motivo de Lapidote não ser juiz?

Esses questionamentos perpassam os 108 anos da igreja Assembleia de Deus e revela o quão rasa tornaram-se as proibições sem base bíblica. Se o argumento encontra-se no fato de não ter um versículo em específico que legitime as mulheres ao cargo de pastorado, ele será questionado, visto que não há um que proíba. O uso de I Coríntios 14 de forma descontextualizada é tão somente uma atitude negligente, visto que o livro de Atos menciona as mulheres que ocupavam cargos de liderança na igreja, tais como Priscila e Ferbe. Além disso, quando o apóstolo Paulo escreve aos gálatas, no capítulo 3 e versículo 28, para tratar da unidade em Cristo, ressalta que “nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. Ademais, o que torna um irmão ou irmã obreiro é o chamado divino, pois o “Espírito Santo capacita quem Ele quer” e não faz distinção de gênero.

A narrativa bíblica interpretada de forma equivocada suprimiu as mulheres que ousaram exercer os cargos de liderança, como Frída, todavia o trabalho das mulheres na AD não cessou frente ao variados processos de violência fomentados pela misoginia e sexismo extremo dos “donos do púlpito”. A exemplo disso, os círculos de oração funcionam não

<sup>23</sup> Os evangelistas não citam os nomes da sirio-fenícia, tampouco da samaritana.

<sup>24</sup> Cf. Salmos 51, BÍBLIA SAGRADA, 2011

<sup>25</sup> Disponível em:

<http://www.cpadnews.com.br/blog/cirozibordi/apologetica-crista/134/por-que-mulheres-nao-podem-ser-pastoras.html> Acesso em: 04 de dezembro de 2019

somente como o pilar de oração da igreja, mas um espaço de acolhimento dessas mulheres, onde pregam, cantam, profetizam, oram e atuam de forma direta na conquista de novos fiéis na igreja. São mulheres como ir. Maria da Luz, que prega e dirige cultos, ir. Alzira, Lúcia, Maria Barbosa, que oram e profetizam, ir. Aldeci, Elke e Socorro, que cantam, e tantas outras mulheres que desenvolvem estratégias de atuação na igreja, e o fazem muito mais que homens, ainda que não tenham a “unção” de um pastorado. Vale ressaltar que alguns novos pentecostalismos consagram mulheres ao pastorado e algumas exceções dentro da Assembleia de Deus fazem essa consagração via matrimônio. Esses casos serão analisados no próximo capítulo através dos estudos de gênero e pentecostalismo. Buscarei também relacionar a vivência e a luta das mulheres assembleianas à trajetória de Frida Strandberg.

### **CAPÍTULO 3 - OS NOSSOS CORPOS DISSIDENTES SUBVERTENDO O SILÊNCIO “SANTO”**

Neste capítulo trago um estudo teórico acerca dos debates de gênero dentro da Assembleia de Deus. Dividirei em três partes, primeiro enfatizando os conflitos que causaram a partida de Frida Strandberg para a Suécia e sua morte, apresentando também as dissidências da pioneira anti à violenta estrutura misógina e sexista da igreja. No segundo tópico trarei uma análise das convenções pós década de 30, bem como as repercussões do ministério feminino dentro e fora do âmbito pentecostal. Por último, falarei a respeito dos ministérios femininos que atuam em algumas igrejas Assembleias de Deus via matrimônio, seguido de uma rápida análise acerca dos movimentos insurgentes advindos do neopentecostalismo com igrejas pastoreadas por mulheres independente do matrimônio.

#### **3.1 Frida Maria Strandberg e os conflitos com os coronelistas misóginos**

A missionária fundadora da Assembleia de Deus que fora silenciada da história da igreja tem um papel fundamental para entendermos as relações de gênero e poder na instituição ao longo dos seus 108 anos. A “esposa do pioneiro”, como foi descrita na biografia feita pelo historiador oficial da Assembleia de Deus, Isael Araújo, protagonizou uma história de luta para exercer o ministério divino ao qual acreditava ter sido chamada. Os conflitos enfrentados por Frida tiveram início logo após sua chegada. Enquanto ela desenvolvia os trabalhos sociais, aos quais as mulheres eram designadas, não houve conflito, todavia, as tensões com o missionário

Samuel Nyström iniciaram logo após sua chegada, quando esta se propôs a fazer a organização do hinário da igreja, se acirrando quando ela passa a assumir o púlpito e a direção do jornal *Boa Semente* (1919).

Vilhena (2016, p. 212) menciona que o missionário surpreende-se com o fato de Frida demonstrar que não era somente a “esposa” de um dos fundadores, mas uma líder, pastora, pregadora, escritora e musicista. Se fizermos uma análise minuciosa, a reação do missionário é contraditória, visto que, Frida viera ao Brasil para atuar como ensinadora da palavra, sendo assim, ela só estava cumprindo sua função. Todavia, Nyström já sabia das potencialidades da missionária, pois estudaram juntos na escola bíblia, portanto, os embates com Frida advêm de sua postura misógina por não aceitar que uma mulher estivesse liderando a sede da igreja. As ações do missionário frente à atuação de Frida na igreja reflete a posição do homem dominador e da mulher submissa que é produzida e reproduzida no cristianismo.

À medida em que as correntes doutrinárias, seja pentecostais ou não, sacralizam essas desigualdades de gênero como frutos de uma interpretação bíblica, elas corroboram para o silenciamento das mulheres atuantes, como elucidada Lemos (2009, p.60):

As representações sócio-culturais de homens e mulheres, que evocam a desigualdade social baseada na diferença social, são sacramentadas pela religião, naturalizando dessa forma a violência de gênero. A própria representação da divindade cristã como masculina, é um indicador do lugar privilegiado de poder do homem em nossa sociedade. [...] isso é materializado, por exemplo, no exercício do poder eclesial, onde, a despeito do fato de o contingente feminino nas religiões, de maneira geral, ser significativamente superior ao masculino, efetivamente há muito mais homens do que mulheres nos postos mais altos. [...] a Igreja Católica Apostólica Romana e várias Igrejas evangélicas não aceitam, em hipótese alguma, a ordenação de mulheres como sacerdotisas ou pastoras. Curiosamente, o trabalho feminino nas igrejas cristãs é o mais explorado de todos.

As disputas por poder nas igrejas pentecostais se consolidaram após a expansão do movimento. Nos Estados Unidos, essas disputas ocorreram após o apogeu do Movimento da Rua Azusa, quando houve separação por controvérsias doutrinárias provocando a desigualdade racial e de gênero. No Brasil, o caráter pietista, que marcou o início da igreja, sofreu impacto do patriarcalismo que se sucedeu na era Vargas (1930-1945). Nessa conjuntura, a expansão da igreja nas entranhas de um país coronelista unida ao machismo sueco nortearam a base doutrinária da igreja, iniciando um movimento autoritário. A instituição, após a convenção de 1930, passa a ter liderança brasileira e não mais sueca. Dentro desses ditames doutrinários estavam a não aprovação da liderança feminina, direcionada ao principal alvo dos pastores

misóginos, Frida Vingren. Para tanto ela escreve um artigo no jornal *Mensageiro da Paz* intitulado *O Pastor*, publicado em 15 de fevereiro de 1931.

A palavra pastor é simplesmente uma expressão do caráter da sua missão [...] Muitos pensam que a consagração é que faz o pastor. É um erro - esta é, unicamente, uma confirmação da vocação de Deus, é um auxílio, para diante da lei social, poder exercitar as funções de um ministro evangélico. Nós somos muito aptos para olhar as coisas exteriores; Deus, porém, olha o interior. O faz pastor é, primeiramente, a vocação divina, e depois o “dom”. Não um dom natural, de palavra, mas um dom espiritual, dado pelo Espírito Santo. [...] E para que serve o título sem possuir a realidade? É preferível, então, ter a realidade sem o título [...] todos os pastores prestarão conta, diante de Deus, o sumo pastor, por todas as almas [...]. (Mensageiro da Paz, ano I, n.4,1930, p. 3).

O artigo pode ser interpretado como uma resposta aos ataques que ela sofrera. A tentativa de silenciar a missionária falhou e seu púlpito tornou-se o jornal. Frida rememora a passagem de I Coríntios 12, que trata dos dons concedidos pelo Espírito Santo, enfatizando que a vocação divina vem antes da consagração. Em suma, como o pastorado é uma vocação divina e o Espírito chama quem Ele quer sem fazer distinção de gênero, não há argumentos que comprovem a proibição de que mulheres não pudessem pregar. A missionária ainda ressalta que o importante não era a titulação, mas o trabalho desenvolvido. Todavia, a pressão contra a atuação de Frida aumenta, o ethos sueco-nordestino da era Vargas tinha características coronelistas e os pastores performavam uma liderança autoritária.

A resposta ao artigo de Frida veio na edição seguinte do jornal, no artigo intitulado *Silêncio santo*, por Nils Kastberg. No texto, o redator alerta os irmãos assembleianos sobre a necessidade de silenciar-se e trata como um erro humano falar demasiadamente. Seu artigo é dividido em quatro partes: *o silêncio na oração*, *o silêncio na tribulação*, *silêncio diante dos homens* e por último, *o lugar silencioso*.<sup>26</sup> No primeiro ponto ele ressalta a necessidade de calar para ouvir a voz de Deus. Em *silêncio na tribulação*, Nils usa o exemplo bíblico de Jó, que nos momentos de tribulação só conseguiu ouvir a voz de Deus quando ficou em silêncio. No tópico *silêncio diante dos homens*, o exemplo citado é o de Jesus que no caminho para a crucificação ficou “como um cordeiro mudo”<sup>27</sup> e conclui o item dizendo:

Encontramos de vez em quando pessoas que padecem de certa doença: falar demasiadamente. São falladores, contenciosos, que fazem guerra por onde andam. Na presença destes é bom e prudente calar-se e não responder as suas loucuras. Um silêncio santo diante de tais pessoas, pode servi-lhes de

<sup>26</sup> Mantida grafia original de todos os trechos do artigo.

<sup>27</sup> Referência ao livro de Isaías 53:7

pregação. Sim, até mesmo sem palavras, podem as mulheres crentes ganhar os seus maridos incrédulos, disse o apóstolo Paulo. (KASTBERG, 1931, p.5)

E no último ponto, o *logar silencioso*:

Onde é este lugar? E como poderemos aprender o silêncio santo? Só fazendo o mesmo, como Maria de Bethania; ella se assentou aos pés de Jesus. Já tomaste este lugar? - A sós com teu Mestre - ouvindo as Suas palavras, e aprendendo daquelles que é manso e humilde de “coração” poderás saber que é, “silêncio santo”. (p.5)

É imprescindível ressaltar que, por mais que o autor trate como um erro humano o falar em demasia, seus exemplos são reiterados com histórias de mulheres. O silêncio santo a que ele se refere rememora um lugar de suportar dores e sofrimentos sem reagir. Esse discurso é muito utilizado no meio pentecostal, onde a fé no divino para solucionar suas causas é absoluta, e prestar queixas sobre o assunto não é visto com bons olhos pela comunidade. No entanto, um fato na narrativa de Kastberg nos chama atenção. Ele relata que Jesus não reclamou de sua situação no caminho à crucificação, todavia, o evangelho de Marcos relata que prestes a falecer, Jesus exclamou em alta voz dizendo “Eloí, Eloí, lamá sabactâni?, que traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Marcos 15: 34) Ao citar o caso de Maria, o autor não contextualiza que, na época, as mulheres não poderiam participar de reuniões com os mestres da lei. Dessa forma, Maria fica em silêncio, tão somente, para que não descubram que ela estava escondida ouvindo o que Jesus e os mestres discutiam.

A hermenêutica vaga aplicada pelo redator propõe o silêncio como solução “santa”, a fim de calar a voz de quem não seguia o “padrão assembleiano”. A retórica utilizada para advertir os irmãos pode ser interpretada como uma ação para deslegitimar a atuação de Frida e de outras mulheres que atuavam junto a ela nos trabalhos da igreja, pois não era de bom grado que uma mulher ultrapassasse o lugar de silêncio para questionar as posições dos homens de deus.

A subversão de Frida não teve apoio da maioria das mulheres e homens assembleianos, pois Samuel Nyström, junto aos pastores nordestinos, usaram todos os artifícios possíveis para afastá-la do jornal que ela ajudara a criar, e da igreja, que nasceu sob sua liderança. As tensões, motivadas pela ganância de poder, atrelada à misoginia dos pastores, resultaram no retorno de Frida e sua família à Suécia. Quem assume a liderança da igreja no Rio de Janeiro e anos depois se torna presidente da convenção de pastores é ninguém menos que Samuel Nyström.

A missionária que cooperou com a implementação da igreja Assembleia de Deus, foi redatora dos jornais da igreja, escreveu 23 hinos da Harpa Cristã e atuou à frente da igreja por 16 anos, então retorna ao seu país de origem. É imprescindível relatar que o retorno da família Strandberg-Vingren não foi pleiteado por vontades próprias. A decisão fora ocasionada pelas inúmeras violências que Frida sofrera. Trago esta afirmação baseada nos registros históricos que retratam os desgastes que acometeram a missionária por não se colocar como a “esposa do pioneiro”. A religião atrelada ao androcentrismo não suportou ver uma mulher assumir o púlpito e discordar de um grupo de homens e o posicionamento misógino persistiu nas décadas seguintes à saída de Frida. Todavia, as resoluções convencionais contrárias ao ministério feminino não pôde conter os movimentos de mulheres que passaram a atuar na Assembleia de Deus sem o título do pastorado.

### 3.2 O ministério feminino pós década de 30

Nas convenções subsequentes não há registro da pauta sobre o ministério feminino. Todavia, as mulheres assembleianas, mesmo sem o reconhecimento ministerial, continuaram atuando na evangelização e nos trabalhos do círculo de oração. A temática da consagração de mulheres retorna cinco décadas depois da partida de Frida, especificamente no final da década de 70. Rosado-Nunes (2001) relata que a pauta retorna no período em que a luta feminista pressionava diversas esferas da sociedade, inclusive no âmbito religioso. A Assembleia de Deus, em uma tentativa de conter a onda feminista, manifesta-se através da revista *A Seara* na edição de 1978 com a matéria que intitulava-se *De Sara ao feminismo*, tendo o seguinte texto em destaque:

No princípio o poema uniu a mulher e a rosa. Hoje numa luta contra o patriarcado ela prefere ser chamada de operária, industrial. Defendendo sua liberdade ela reclama o direito de competir com o homem. Pode uma mulher cristã ser uma feminista?” (A SEARA, 1978).

A revista não só revidou o movimento feminista como fez uso de depoimentos de mulheres para rebater as pautas. Discursos como os de Zélia Macalão<sup>28</sup> e Albertina Malafaia<sup>29</sup> reforçaram que o lugar da mulher era cooperando junto a seus maridos, dando a eles o protagonismo, ou, como disseram, “lugares de honra”. A edição violenta da revista causou um estardalhaço no meio evangélico e na sociedade, de forma geral. O feminismo ao qual a revista combatia era um movimento de mulheres brancas em busca de liberdade, principalmente

<sup>28</sup> Esposa do pastor presidente da AD Ministério Madureira.

<sup>29</sup> Mãe do que viria a ser o “pastor” Silas Malafaia;

financeira, todavia, no âmbito religioso, as aspirações subversivas visavam outro espaço de poder: o púlpito.

É válido ressaltar que as religiões pentecostais, em suma, abrangem pessoas de baixa renda e, mesmo com o aburguesamento de igrejas, como a Assembleia de Deus, estas não deixaram de atrair as camadas mais pobres da sociedade. Nesse contexto, o público feminino da década de 70, em sua grande maioria, não era letrado ou apenas cursara o nível fundamental. A maioria das mulheres assembleianas eram donas de casa e/ou trabalhavam na roça, também exercendo inúmeras atividades na igreja. Suas jornadas eram triplas e as pautas libertárias do feminismo hegemônico não as abrangia, tampouco se fossem mulheres negras. A igreja lhes proporcionava trabalhos que não requeriam um currículo formal, o púlpito era o lugar de cantarem seus hinos de gratidão e de darem seus testemunhos, afinal, o Espírito Santo lhes concedia a sabedoria necessária para repassarem a mensagem de fé. Sendo assim, a pergunta da revista *A Seara* pode ser respondida com um não sonoro, pois o feminismo da década de 70 fora moldado por uma pequena parcela das mulheres e não era uma categoria representativa para as mulheres negras, pobres e pentecostais, tampouco se esses marcadores de diferença estivessem interligados<sup>30</sup>.

Na convenção de pastores de 1979, realizada em Porto Alegre, a pauta do ministério feminino reaparece. Ressalta-se que não há registros de quem apresentou a pauta à plenária, entretanto sabemos que não foi uma mulher, visto que os registros não apontam mulheres participando das reuniões<sup>31</sup>, haja vista, só quem participa dessas reuniões são os membros filiados e estes são os pastores. Dentre os pontos discutidos na edição de 1979 estavam a separação de diaconisas e a unção ministrada por mulheres. Devido a ausência de consenso dos pastores, a pauta foi remanejada ao Conselho de Doutrina da AD, que divulgou sua resposta no ano seguinte. O relatório reconhecia o trabalho feminino no campo missionário, todavia não acatou a unção pastoral às mulheres, como registrado no excerto a seguir:

A mulher cristã, quando separada para o trabalho missionário, pode portar documento comprobatório como missionária, mas não como ministro do Evangelho, seja como evangelista ou como pastor, isso porque não concordamos com qualquer tipo de consagração de mulheres, por não encontrarmos base bíblica para isso. (DANIEL et al., 2004, p. 491)

---

<sup>30</sup> Vale ressaltar que na década seguinte, a intelectual diaspórica Lélia Gonzalez questionou a universalidade da categoria mulher proposta pelo feminismo hegemônico e trouxe novas epistemologias ao debate como a categoria ameíricana, que abarcava as mulheres negras e ameríndias. A partir dos conceitos de Lélia, novos conceitos surgiram na sociedade (cf. GONZALEZ, 1988)

<sup>31</sup> A única participação feminina registrada foi a de Frida na convenção de 1930

Novamente a retórica da ausência de embasamento bíblico se repete, reforçando um discurso religioso, permeado de repreensão às mulheres e perpassado pelas relações de poder e dominação. O cenário é diferente do que fora vivenciado por Frida, mas o androcentrismo violento que a sucumbira continuava o mesmo, no entanto, as mulheres assembleianas continuaram criando possibilidades de resistência. Em 1985, na Convenção de Anápolis/GO, as “esposas” dos pastores convencionados reuniram-se paralelamente para debaterem assuntos relacionados aos trabalhos femininos na igreja. O mesmo ocorreu na de Salvador/BA em 1987, e em 1990, na cidade de São Paulo. Os encontros paralelos resultaram na criação da União Nacional das Esposas de Ministros das Assembléias de Deus (UNEMAD), em 1993, a fim de “congregar esposas de ministros, visando mais confraternização e troca de experiência nas diversas áreas de atuação da mulher como parte essencial do ministério pastoral” (DANIEL et al., 2004, p.555).

A Unemad passou a ser incorporada na programação da CGADB e teve como primeira presidente a irmã Wanda Freire. Todavia, se a intenção dos pastores ao aprovarem a institucionalização do novo departamento era silenciar os questionamentos que emergiram na década de 30, a reação foi contrária. Pois, nos anos seguintes as discussões reacendem no âmbito religioso. Na convenção geral de 1999, quando a igreja passa a repensar seus ditames doutrinários para a entrada do novo milênio, a ordenação de pastoras volta a ser discutida na plenária. Novamente a ausência de um consenso leva a temática a uma comissão específica e a misoginia disfarçada de sacralidade é unânime, não só negando a ordenação de mulheres, como fazendo de forma truculenta. Pois, dos ministros presentes na reunião, apenas três votaram a favor da pauta e dois mil quatrocentos e noventa e sete pastores votaram contra (DANIEL, et al., 2004, p. 633).

Segundo o censo do IBGE (2010), as mulheres assembleianas do Brasil somavam 6.727.891, enquanto os homens totalizavam 5.586.520. Mesmo representando a grande maioria da instituição e realizando trabalhos árduos para a conquista de novos fiéis, a convenção não voltou a discutir o pastorado feminino até o presente momento. Todavia, no âmbito estadual, algumas AD's reconheceram o pastorado feminino, como a Convenção das Assembleia de Deus no Distrito Federal, que em outubro de 2011 aprovou a ordenação de pastoras, desacatando a resolução da convenção geral. Outros segmentos que não fazem parte da CGADB, mas que adotam o codinome de Assembleia de Deus, como a AD Ministério Madureira, também passaram a consagrar mulheres ao ministério pastoral. Os registros apontam que a primeira mulher a ser consagrada pastora foi Cassiane Manhães em 23 de abril

de 2005, todavia, sua consagração foi conjunta a de seu companheiro. Machado (2005, p.392) aponta que o fenômeno da consagração conjunta foi a fórmula da encontrada por algumas denominações para “ preservar a dependência feminina em relação aos homens”.

Há registros também de mulheres que fundaram suas próprias igrejas, por não se encaixarem em determinado segmento religioso ou pelo atrativo da teologia da prosperidade. A exemplo deste último ponto, temos a Igreja Cristã Pentecostal do Recanto das Emas no Distrito Federal, pastoreada por Pra. Laodicéia e a Igreja Nova Aliança em Formosa, Goiás, pastoreada por Pra. Andréia. Essas novas facetas do segmento pentecostal, ainda que com um número pequeno comparado ao conglomerado de igrejas, ressalta a postura subversiva de mulheres que conseguiram ultrapassar os muros do “silêncio santo”. O fato é que o androcentrismo que matara Frida e sucumbiu o trabalho das mulheres pentecostais não conseguiu o poder de controlar as novas efervescências que estão surgindo aos poucos. Como ressalta a mestre em filosofia Djamila Ribeiro (2018, p. 145) “ a cultura é construída, portanto os valores dela também o são”. É necessário mobilizar as tropas de mulheres assembleianas e desconstruir os espaços de poder enraizados pela misoginia de Samuel Nystrom e companhia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da história, nós, mulheres, passamos a observar os lugares que eram destinados aos nossos corpos. No âmbito religioso, a posição de subalternidade que fora outorgada às mulheres foi regulamentada pela concepção errônea de que submissão significava o controle dos homens aos nossos corpos. Digo isso, pois se a premissa é a de que a mulher deve ser submissa ao marido, como a igreja é a Cristo, então as mulheres solteiras podem ser insubmissas? Ou se continuarmos lendo a narrativa de Efésios 5, no capítulo 25, o autor reitera que a submissão é condicionada ao fato do marido amar a mulher assim como Cristo amou a igreja e morreu por ela. Dessa forma, as mulheres casadas só devem se submeter aos seus esposos se estes forem capazes de morrerem por elas? Se o entendimento literal da bíblia for levado em consideração, então a resposta é positiva.

O segmento pentecostal é estruturado por homens misóginos e a interpretação errônea persiste por conta da manutenção do poder. O púlpito se configura como um espaço de dominação, onde as reuniões iniciam e findam sob a direção de homens e estes decidem quem indicar para ocupar os lugares na hierarquia. Esta prerrogativa é fruto da colonização, branca e ocidental que impõe processos violentos de dominação, levando a morte física e psicológica a quem não aceite os processos de silenciamento como instrumentos sacros. Na idade média, as mulheres insubmissas eram taxadas de bruxas e queimadas como forma de correção e para servir de exemplo a outras. Nas revoluções que se seguiram, tantas outras violências se acumularam aos nossos corpos como tentativa de inibir novas rebeldias. No segmento pentecostal o apagamento histórico de Frida Strandberg serviu para instrumentalizar um princípio doutrinário misógino.

Como apontado no início desta monografia, este trabalho não buscou responder questões, visto que as relações de poder no âmbito pentecostal são múltiplas e não há respostas definidas para a pergunta de como as mulheres pentecostais observam os lugares que ocupam na igreja. O foco deste texto foi apresentar as perspectivas das irmãs que entrevistei e sobre o lugar que lhes é imposto, bem como a trajetória do pentecostalismo construído por mulheres amefricanas. É necessário ressaltar que este trabalho é um pequeno excerto da pesquisa que será desenvolvida na pós-graduação. Finalizo ressaltando que o conjunto de vivências apresentado nesta monografia retrata os emaranhados de resistência que existem na igreja Assembleia de Deus. Este é um manifesto subversivo ao segmento misógino da igreja, para retratar os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres assembleianas que não estão nos espaços de poder do

púlpito, mas exercem um poderio simbólico que é capaz de impulsionar um ministério ou derrubá-lo.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia** (1911-2011), 2012, 285 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2012.
- ARAÚJO, Israel de. **Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: Cpad, 2014. 183 p.
- BERG, David. **Daniel Berg: Enviado Por Deus**. Rio de Janeiro: Cpad, 1995. 262 p.
- BÍBLIA SAGRADA**: Antigo e Novo Testamento. João Ferreira de Almeida. São: SBB, 2011.
- BISPO, Antonio. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI-UnB/CNPq). Brasília, DF, 2015.
- BISPO, Daisy Mota Ferreira. Vida e obra de Frida Maria Strandberg Vingren. **Discernindo - Revista Teológica Discente da Metodista**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 119-144, jan./dez. 2017.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. **Bertrand Brasil**, Rio de Janeiro, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernanda Tomaz. **Difel / Bertrand Brasil**, Lisboa / Rio de Janeiro, 1989.
- COLLINS, Patricia Hill. Learning from the outsider within: the sociological significance of black feminist thought. **Social Problems**, v. 33, n. 6, p. 14-32, Oct./Dec. 1986
- CORDOVA, Tiago de. **História da igreja evangélica Assembleia de Deus de Ijuí**. 2012. 53 f. Monografia (Especialização) – Curso de Licenciatura em História, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2834/tiagotccfinal.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- DANIEL, Silas. et al. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FONSECA, André Dione; FARIAS, Marcilene Nascimento de. Gênero e Religião: a questão do ministério feminino na Igreja Assembléia de Deus. **Caminhos: Revista de Ciência da Religião**, Goiás, v. 7, p.311-333, dez. 2009
- FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas: Tese de Doutorado em Sociologia, Unicamp, 1993.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

LEMOS, Carolina Teles; SOUZA, Sandra Duarte de. **A casa, as mulheres e a igreja: gênero e religião no contexto familiar.** São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

MENSAGEIRO DA PAZ, n. 1, 1º dez.1930

MENSAGEIRO DA PAZ, n. 5, 1º mar. 1931

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

MOTA, Elba. **O feminino pentecostal: uma análise da revista “Círculo de oração” da igreja Assembleia de Deus.** 2008. Disponível em <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/mota-elba.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2019

PEIXOTO, Monik A.S. **ESCRITOS DE SI E MEMÓRIA COLETIVA: Frida Maria Strandberg (Vingren) e a Missão da Fé Apostólica,** 2017, 89 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Bragança. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSADO-NUNES, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu** (16) 2001. p. 79-96

SILVA, Warlison Cavichioli da. **Corpo, alma e espírito: uma etnografia sobre a autoridade espiritual e social do batismo com Espírito Santo,** 2019, 77 f. Monografia - Curso de Bacharelado em Antropologia, Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2019.

VILHENA, Valéria. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940),** 2016, 236 f. Tese (Doutorado) - Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2016.

VINGREN, Ivar. **Gunnar Vingren: o diário do pioneiro.** 2. ed. Rio de Janeiro : CPAD, 1982.